

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

273

Mês: Novembro

Ano: 2021

Preço: R\$ 5,00

A poesia do Rei Davi

A história de Davi – poeta, alzo dos filisteus e rei de Israel – ocupa 42 capítulos da Bíblia e é uma das mais conhecidas. O significado do nome “Davi” (*dawid*) é incerto. Uma das possibilidades mais aceitas é a de que o nome *Davi* signifique “amado”, procedente do hebraico “*dod*”. Já foi sugerido também que *dawid* deveria ser equiparado ao termo *dawidum*, “chefe” ou “oficial do exército”. Mas, se assim fosse, “Davi” seria um título e não um nome próprio. Essa sugestão, portanto, ficou improvável. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



ACESSE:

www.jornaldeletras.com.br

JL Editorial

Quando terminar a crise da Covid-19, o que deve acontecer até o final do ano ou no começo de 2022, deveremos ter de conviver com o hibridismo na educação. De que se trata? É um sistema misto, em que a educação se repartirá entre as características tradicionais e as possíveis inovações da educação do futuro, em que a internet terá uma forte presença. Aliás, devemos enfatizar que o governo deve cumprir a sua parte, facilitando o acesso do maior número possível de jovens às riquezas tecnológicas representadas pelo uso da internet. Essa é uma conquista da qual não devemos abrir mão.

O editor.



O **JORNAL DE LETRAS** antecipa os cumprimentos aos acadêmicos aniversariantes do próximo mês: Marco Lucchesi (dia 09 de dezembro) e Ana Maria Machado (dia 24 de dezembro).

JL Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

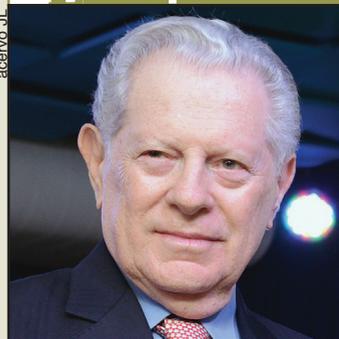
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O **JORNAL DE LETRAS** É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

JL Opinião

Arnaldo Niskier



A epopeia do Tico-Tico

Devo aos meus irmãos mais velhos o indiscutível gosto pela literatura. Garoto ainda, eles me presenteavam com edições sucessivas da revista *Tico-Tico*, destinada a crianças. Era um deleite receber a publicação e saborear as suas páginas.

Foi a primeira revista de quadrinhos do Brasil, com um elenco de celebridades extraordinárias. É possível lembrar de nomes como Reco-Reco, Bolão, Azeitona, Zé Macaco, Chiquinho, o Dr. Sabetudo, Vovô, Faustina, entre outros. A revista veio à luz em 11 de outubro de 1905.

O *Tico-Tico* nasceu na editora O Malho, sob a inspiração de Luiz Bartolomeu. Escolas de tico-tico podem ser explicadas como escolas de garotos, que adquiriram um alegre didatismo. Na sua vida de mais de 60 anos, a revista acolheu uma série de grandes expressões da arte brasileira, como os desenhistas Luiz Sá, J. Carlos (Juquinha, Lamparina, Jujuba e Carrapicho), K., Lixto, Storni (Zé Macaco, Faustina e Serrote), Max Yantok e Nino Borges (Bolinha e Bolonha). Assim se construiu uma epopeia, na cultura do nosso país. Foi também uma série de revistas de divulgação científica, como a edição de *História Natural*.

Conta-se até uma cena pensamento, disse de pronto: “Ora, tirei do Tico-Tico!”

Portanto, a revista não era só leitura dos pirralhos. Era lida também por membros da Academia Brasileira de Letras, como Josué Montello, e escritores do porte de Carlos Drummond de Andrade e Raymundo Magalhães Jr., este também imortal.

Ninguém pode duvidar da seriedade desse vitorioso projeto editorial. Drummond costumava dizer: “*Tico-Tico* é pai e avô de muita gente importante. Se alguns alcançaram importância e fizeram bobagens, o *Tico-Tico* não teve culpa. O Dr. Sabetudo e o Vovô ensinavam sempre a maneira correta de viver, de sentar-se à mesa e de servir à Pátria. E da remota infância, esse passarinho gentil voa até nós, trazendo no bico o melhor que fomos um dia. Obrigado, amigo!”

“A massificação procura baixar a qualidade artística para a altura do gosto médio.

Em arte, o gosto médio é mais prejudicial do que o mau gosto...

Nunca vi um gênio com gosto médio.”

Ariano Suassuna

“Perceber o que as pessoas sentem sem que elas o digam constitui a essência da empatia.”

Daniel Goleman

Prêmio Nobel celebra literatura pós-colonial

Por Manoela Ferrari

Autor de 10 romances, aos 73 anos, o tanzaniano Abdulrazak Gurnah, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, nunca foi editado no Brasil. Ex-refugiado da Ilha de Zanzibar, quarto negro a conquistar a importante premiação, Gurnah mora na Inglaterra desde os anos 1960.

Ao anunciar o vencedor, a Academia Sueca o elogiou por retratar os efeitos do colonialismo de forma intransigente. “A dedicação de Abdulrazak Gurnah à verdade e sua aversão à simplificação são impressionantes”, disse o Comitê do Nobel de Literatura. O prêmio tem hoje o valor de 10 milhões de coroas suecas (R\$ 6,2 milhões).

Seus romances fogem de descrições estereotipadas e abrem o olhar para uma África Oriental culturalmente diversificada, desconhecida para muitos em outras partes do mundo. O tanzaniano fala sobre migração e a África para além da colonização, fugindo do clichê eurocentrista. A eterna mudança e a constante agitação são dadas como certas em seus textos. Não é o típico conto de fadas eurocêntrico de integridade e continuidade nacional que se costuma ler. São histórias que envolvem reinventar-se, transformar-se e seguir em frente – através de países, continentes e identidades.

Entre os livros mais famosos, estão *Paradise* (Paraíso, sem edição em português) e *Desertion* (Deserção, também sem edição em português). Publicado em 1994, *Paradise* conta a história de um menino que cresceu na Tanzânia, no início do século XX. O livro ganhou o Booker Prize, marcando a revelação de Gurnah como escritor.

Na ocasião do lançamento do livro *By the sea*, em 2001, declarou: “Retrato o colonialismo como uma destruição – não de algo mais harmonioso ou melhor, mas de uma realidade que foi resultado de interações entre diferentes culturas, aspecto geralmente ignorado pela historiografia. Quero refutar a ideia de que o colonialismo europeu levou a África Oriental da inércia à civilização. A realidade é mais complexa.”

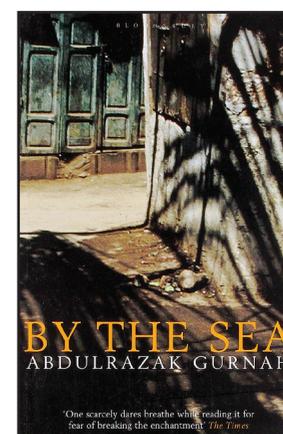
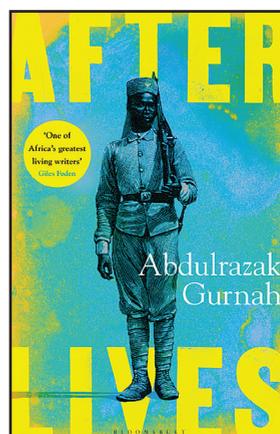
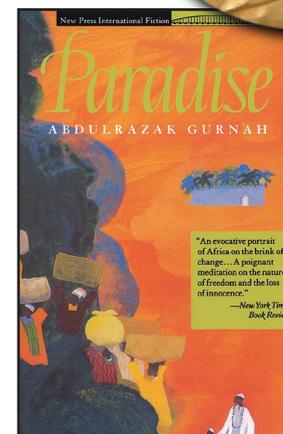
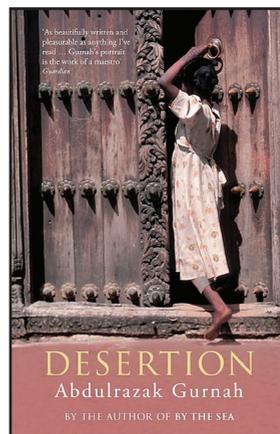
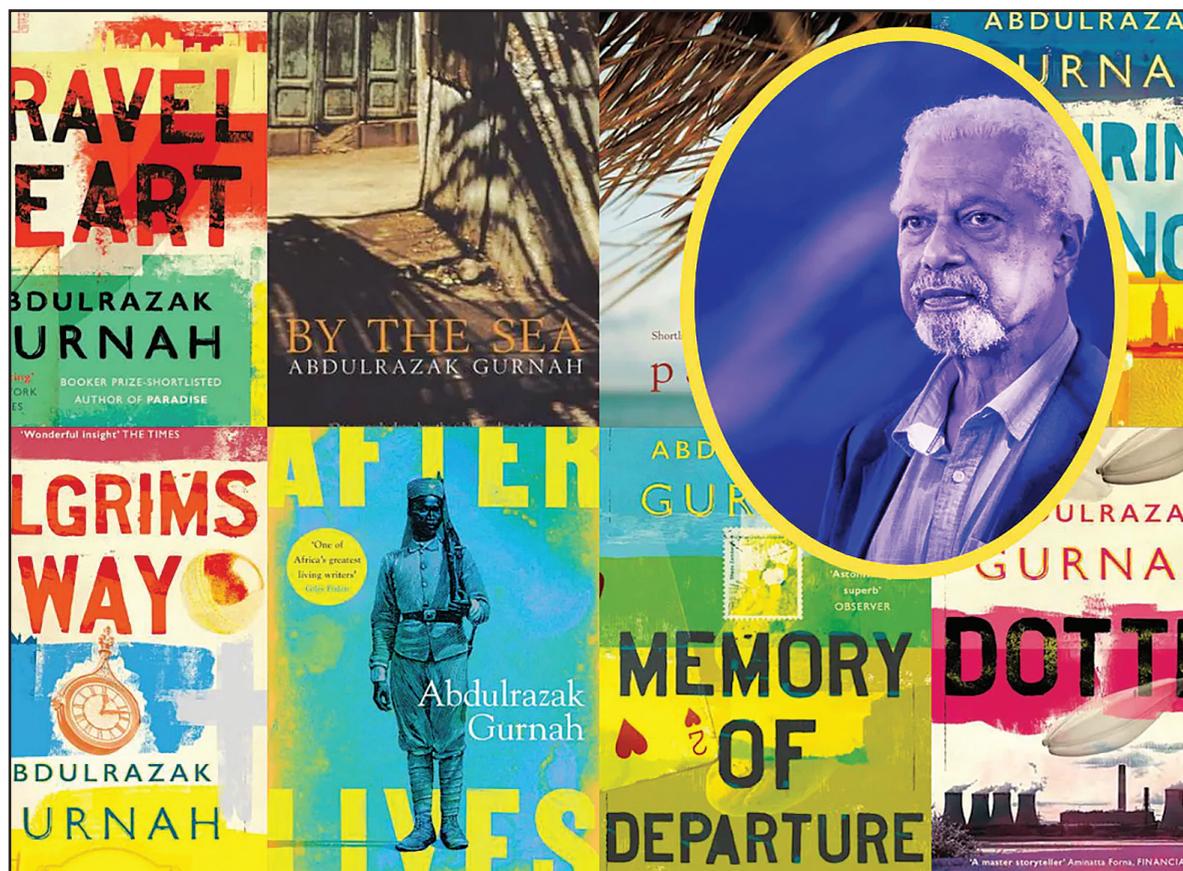
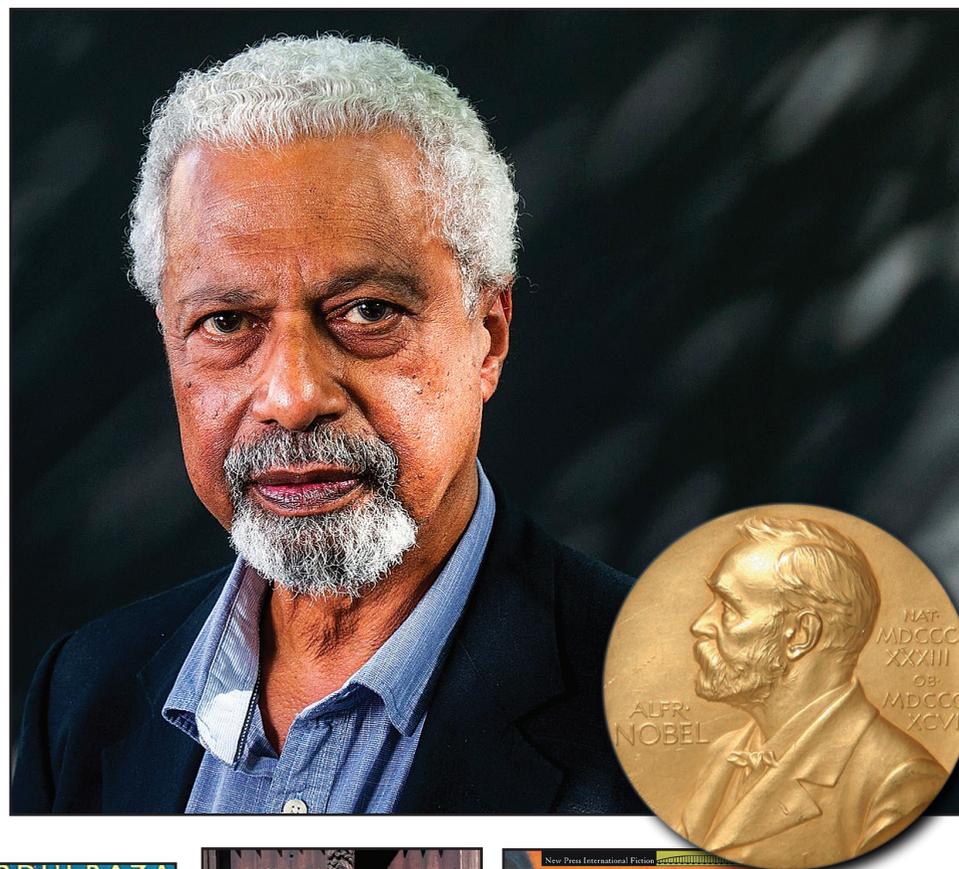
A migração também faz parte da realidade de sua vida. Em 1964, a elite árabe, que por 200 anos governara a maioria africana em Zanzibar, foi derrubada. Em meio aos massacres que se sucederam, Gurnah trocou Zanzibar pela Inglaterra. Aos 21 anos, começou a escrever em inglês e não mais em suaíli, seu idioma materno.

Formado na Inglaterra, foi professor de literatura pós-colonial na Universidade de Kent por muitos anos, até recentemente. Primeiro tanzaniano a receber o Prêmio Nobel é também o primeiro escritor africano negro premiado, desde Wole Soyinka, em 1986. Embora em grande parte desconhecido, o reconhecimento chega mais do que atrasado, comentou ao jornal britânico *The Guardian* Alexandra Pringle, sua editora na Bloomsbury: “Ele é um dos maiores escritores africanos vivos e ninguém nunca havia reparado nele. Isso me cortava o coração.”

Quatro livros de Gurnah serão publicados, em breve, no Brasil. Com exclusividade, a Companhia das Letras prepara o lançamento, em 2022, dos seguintes títulos: *Afterlives*, *Paradise*, *By the Sea* e *Desertion*.

Afterlives, o livro mais recente, será lançado ainda no primeiro semestre do próximo ano. Ambientado no início do século XX, o romance tem como pano de fundo a Rebelião Maji Maji, revolta armada contra o domínio colonial alemão na região da África Oriental.

A Companhia das Letras segue na publicação de vencedores do Nobel no país. Até então inéditos no Brasil, no ano passado a editora comprou os direitos de publicação da poeta americana Louise Glück. Em 2016, *Vozes de Tchernóbil*, da bielorrusa Svetlana Aleksievitch, também chegou às livrarias brasileiras.



● Nos 700 ANOS de morte de Dante Alighieri, a obra *Nove Cartas sobre A Divina Comédia*, que reúne ensaios do atual presidente da ABL, Marco Lucchesi, sobre o clássico italiano, ganhou versão revista e atualizada pela Bazar do Tempo.

● O MUSICÓLOGO Ricardo Cravo Albim lançou *Pandemia e Pandemônio – relatos de um Brasil doente e desgovernado*, com o selo da Editora Batel.

● Na obra *Os Sons da Memória* (Ed. Cândia), o jornalista José Roberto Santos Neves revela a trajetória da música no Espírito Santo, através de uma leitura crítica de 40 discos que marcaram época no Estado capixaba.

● A FEIRA LITERÁRIA de Além Paraíba deste ano homenageou uma das mais conhecidas personalidades de comunicação de Minas Gerais. O jornalista Dauro Machado é autor dos livros *D. Orani*, *o Cardeal do Brasil*, *A Dama* e *Os escritos do meu Prior*, entre outros.

● CHEGA ÀS LIVRARIAS este mês, pela Companhia das Letras, o segundo volume de letras de Bob Dylan, vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 2016. Bilíngue, com quase mil páginas, o livro abrange 18 discos e 196 músicas.

● UMA DAS INTERPRETAÇÕES mais precisas da cultura nacional, *Hello, Brasil e Outros Ensaios*, de Contardo Calligaris (falecido em março deste ano), foi relançado com prefácio inédito da historiadora Lilia Schwarcz pela Editora Fósforo.

● DOUTORA EM educação, a escritora Kiusam de Oliveira lançou *Com Qual Penteadado eu Vou* (Ed. Melhoramentos), sobre os significados da herança africana, com ilustrações de Rodrigo Andrade.

● ARTICULANDO os tempos da ação num contraponto entre São Paulo, Xingu e Paris, *Terrapreta* (Ed. 34), romance de estreia da escritora, atriz e diretora Rita Carelli, conduz o leitor pelo universo dos afetos de uma comunidade indígena.

● Inspirada no livro *O Dono do Morro*, do repórter britânico Misha Glenny, lançado em 2015, a série *Nemesis* – coproduzida por Boutique Filmes e Black Box

Mídia – faz um impressionante relato da guerra às drogas no Rio, ao contar a história real de Antônio Francisco Lopes – o Nem, da Rocinha.

● MÚSICA *Pop-periférica Brasileira* (Ed. Appris), da professora de Estudos de Mídia da UFF Simone Pereira de Sá, traz uma análise das transformações da música brasileira no ambiente das plataformas digitais com foco nos videoclipes.

● RECÉM-LANÇADA pela Expressão Popular, *Eleanor Marx: uma vida*, obra de 500 páginas da historiadora Rachel Holmes, narra a história da filha caçula de Karl Marx.

● NO LIVRO de memórias *O Homem Mais Feliz do Mundo*, de Eddie Jaku, o sobrevivente do Holocausto reflete sobre os horrores enfrentados nos campos nazistas. A tradução é de Bruno Casotti para a Editora Intrínseca.

● CONSIDERADO UM marco na abordagem histórica do tema, *Os Arabes – uma história* (Ed. Zahar), do historiador americano Eugene Rogan, trabalha com fontes e textos árabes originais, retratando as mudanças nos últimos cinco séculos, do domínio otomano até hoje.

● DATADA DE 60 d.C., a obra *Satiricon*, de Petrônio, ganhou tradução de Claudio Aquati para a Editora 34.

● O CRÍTICO britânico Dorian Linskey lançou *O Ministério da Verdade* (Companhia das Letras). Com tradução de Claudio Marcondes, a obra examina a origem e o legado do romance *1984*, de George Orwell.

● VENCEDOR DO Prêmio Eisner deste ano, na categoria Melhor Álbum Gráfico, *Pulp*, de Ed Brubaker e Sean Phillips, recém-publicada no Brasil pela Editora Mino, revela o embate de um velho pistoleiro com seu maior inimigo: a idade.

● CLÁSSICO MODERNO do quadrinho espanhol, *Torpedo 1936*, com histórias de Enrique Sánchez Abullí sobre um matador a serviço da máfia de NY, foi lançado no Brasil em três volumes, com tradução de Ernani só para a Editora Figura.

ENQUANTO ISSO, NO ATELIER DE UM FAMOSO PINTOR...



● A nova edição de *Os Donos do Poder* (Companhia das Letras), obra-prima do jurista Raymundo Faoro (1925-2003), traz prefácio de José Eduardo Faria, posfácio de Bernardo Ricúpero e Gabriela Nunes Ferreira, além de três textos de fortuna crítica.

● *SOBRE CABEÇA, Corpo e Carnaval* (Ed. Ventania), com ilustrações do premiado Fernando Vilela, reúne “crônicas, contos e delírios” (como diz o subtítulo) do pernambucano Paulo Sales, inspirados pelas lembranças da infância do autor na fazenda do avô, no Nordeste.

● NO ROMANCE *Diga que Não me Conhece* (Ed. Todavia), Flavio Cafiero faz um estudo do ressentimento afetivo, mostrando como um amor perdido tira uma pessoa do prumo.

● NO TOM DA *História Cultural do Rio de Janeiro*, baseado no livro homônimo de Bruno Paes Manso, estão disponíveis nas plataformas do Globoplay e da Deezer os oito episódios do podcast *A República das Milícias*, com roteiro de Aurélio de Aragão e Vitor Hugo Brandalise.

● NO ROMANCE *O Mapeador de Ausências* (Companhia das Letras), o autor moçambicano Mia Couto revisita a figura do pai, o jornalista e escritor Fernando Couto, que morreu há seis anos, inspirando o título da obra.

● DESDE SETEMBRO, é sucesso de público, no Parque Ibirapuera, a 34ª Bienal de São Paulo. Adiadada um ano em função da pandemia, a mostra tem como título o verso “Faz escuro mas eu canto”, do amazonense Thiago de Mello. Pode ser visitada até o dia 5 de dezembro.

● A OBRA *Poemas 2006-2014*, lançada no Brasil pela Companhia das Letras, reúne os três livros mais recentes da poeta americana Louise Glück, Prêmio Nobel de Literatura em 2020.

● O MAIS NOVO livro do premiado Gonçalo Tavares, angolano radicado em Portugal, *Bucareste-Budapeste: Budapeste-Bucareste* (Ed. Oficina Raquel), costura três narrativas distintas que se passam em diferentes capitais da Europa Oriental.

● EM *Uma Mulher Extraordinária* (Ed. Globo Livros), Edna Adan Ismail, primeira somali a se formar em uma universidade do Reino Unido, lembra sua luta para abolir a mutilação genital a que são submetidas as meninas (inclusive ela), em diversos países da África.

● AS PAIXÕES do cartunista, humorista e músico Reinaldo Figueiredo estão reunidas na obra *Paradas Musicais* (Editora Mórula), com textos de humor e improvisado e prefácio de Bráulio Tavares.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Professora substituta

“A professora **que** queríamos contratar recusou a oferta.”
Que pena! Contudo, a construção está perfeita!

Veja: **Que** é um pronome relativo quando: substitui um substantivo, evitando a sua repetição; estabelece uma relação com o substantivo que substitui; aparece após o substantivo que substitui; pode ser substituído por **o qual, a qual, os quais** ou **as quais**.

Exemplos: “Os meninos **que** foram encontrados na mata estavam perdidos”; “Já acabei de ler o livro **o qual** você me emprestou”; “Estão aqui os sapatos **os quais** foram arrecadados na campanha”.

Intervenção necessária

“A polícia militar entrevistou na discussão do casal em frente à farmácia.”

É sempre bom contar com a ajuda da polícia, mas, desse modo, não há intervenção que dê jeito! **Intervieio** é a forma correta! Portanto, devemos usar como referência o verbo **vir** para conjugar o verbo **intervir**. Por isso, se dizemos veio, então **intervieio** (e não **interviui**). Frase correta:

“A polícia militar **intervieio** na discussão do casal em frente à farmácia.”

Comércio sem lucro

“Aurélio queria aumentar a faixa do seu comércio, mas o empreiteiro achou melhor deixar como está.”

Não vai conseguir o que deseja. A palavra **fachada** está escrita de forma errada.

Frase correta: “Aurélio queria aumentar a **fachada** do seu comércio, mas o empreiteiro achou melhor deixar como está.”

Aquém de x além de

“Marcela quer comprar um móvel, mas não sabe bem como avaliar o bem.”

“O valor da estante estava **aquém** de seu preço, mas Marcela pagou mesmo assim.”

Veja: **aquém de** = abaixo de, inferior.

“O valor da estante estava **além** de seu preço, mas Marcela pagou mesmo assim.”

Veja: **além de** = acima de, superior.

Esperamos que a próxima compra da Marcela seja bem equilibrada.

Miguel e Maria

Por Gabriel Chalita*

Que bom que você chegou, Maria! Os dias aqui não são dias. Então, não faz tanto tempo que nos despedimos. O tempo aqui não é o tempo. E os espaços são todos. Aqui, Maria, somos nós. E é o que basta.

Tudo que não era nosso ficou e você sabe que não faz falta.

Antes de você chegar, Maria, você já era daqui. Os sinais da sua paz eram sinais daqui para acalmar os arroubos dos que não compreendem o que fica e o que vai.

Sentada na mesa da cozinha, você brincava de limpar o mundo no dobrar das sacolas que traziam a comida. Brincava de disfarçar o tempo organizando a vida.

Quando nos conhecemos, você, tão jovem, já emprestava mansidão. Eu era mais agitado. Impressionava você decorando os nomes das ruas. E os seus significados.

Você deu significado a mim, Maria. Dormir e acordar com você era uma rua sem fim de felicidade. E vieram os nossos filhos. E uma filha se foi e nos deixou partidos. Eu, em pedaços. Você, inteira. Seus olhos lacrimejavam saudade e acendiam a fé de que os mistérios são véus e não desaparecimentos.

Regina, nossa filha, está aqui, Maria. E, também, os outros. Os seus olhos tão abertos prosseguirão enxergando. O corpo descansa, e a alma voa no interior da bondade perfeita. E de nada mais você precisa. E de nada mais preciso eu.

A bondade ilumina o mundo, todos os dias, mas há os que desacreditam. E, então, lançam gritos de inumanidades. A bondade prossegue sem retroceder. É água limpa oferecida a quem percebe, a quem se dispõe a se alimentar e a alimentar os seus irmãos de cuidado. Você não

Ataque no camping

“Eleonora viajou para um camping no interior e foi atacada pelas murissocas.”

Não soube escrever o nome do inseto.

Não existe a palavra “murissoca”, a grafia correta é **huriçoca** (espécie de pernilongo; a origem do nome, segundo Houaiss: “tupi *mberu’soka ‘pernilongo’, formado do tupi mbe’ru ‘mosca’ e tupi ‘soka’ que quebra, que parte, que fura”; há tb. as f. meruçoca, moruçoca, muruçoca;

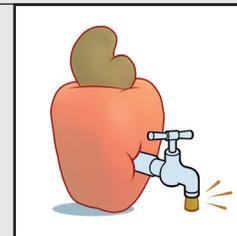
Frase correta: “Eleonora viajou para um camping no interior e foi atacada pelas **huriçocas**.”

Suco ruim

“Soraia pediu um suco de cajú, que não fez bem ao seu intestino.”

Nem poderia! Em regra, palavras oxítonas terminadas em **u** não são acentuadas, sendo exceções as palavras oxítonas em que o **u** esteja sozinho na sílaba (seguinte ou não de s), formando hiato com uma vogal precedente. Ex.: **Baú**.

Período correto: “Soraia pediu um suco de **caju**, que não fez bem ao seu intestino.”



Comida atrasada

“Gabriela sentou-se na mesa para comer, mas a comida demorou a chegar e veio fria.”

Escrevendo assim, não vai se alimentar bem.

“Sentar-se **na** mesa” seria o mesmo que sentar “sobre a mesa”.

Período correto: “Gabriela sentou-se **à** mesa para comer, mas a comida demorou a chegar e veio fria.”

Motoqueiro experiente

“O motoqueiro esterçou sua moto entre o corredor de carros com extrema perícia.”

Perfeito! Embora desconhecido da maior parte da população, o verbo **esterçar** existe, e significa manejar o volante para a esquerda e a direita.

De pé em pé

A **pé** denota ação de deslocar-se para determinado local sem nenhum tipo de veículo.

Ex.: “Ele anda **a pé** todos os dias de casa para a escola.”

De pé se refere ao fato de firmar, continuar, manter-se.

Ex.: “Nossa viagem no feriado está **de pé**?”

Em pé refere-se ao ato de encontrar-se ereto, sobre os próprios pés.

Ex.: “O idoso conseguiu ficar **em pé** sozinho.”



descuidou de ninguém, Maria. Seu nome já foi um prenúncio. Do silêncio. Da prontidão. Dos ouvidos atentos ao clamor de uma humanidade melhor.

Foram quase cem anos de presença. De um dormir e acordar acompanhada da disposição de não desperdiçar amor. É o que fica, Maria. É só o que fica. Você se lembra dos poderes que eu tive? Das homenagens? Dos cargos? Tudo tão distante daqui! Tudo inventado para distrair. A distração também faz parte. Só que parte em pedaços o que deveria ser inteiro. E é assim que nos olhamos no espelho da vaidade e não enxergamos ninguém. Porque ali ninguém mora.

Você dizia, no silêncio, que me amava sem os enfeites. E eu compreendia. E agora, Maria, estamos aqui. Nos completando, novamente, no completo do existir. Nada mais é preciso dizer. Basta sentir. Venha dançar comigo, Maria, a dança que nunca acaba. Ouça a canção do encontro. Toque na imaterial memória do que sempre fomos. Prove da matéria-prima de que fomos feitos.

Sabe, Maria, você sempre soube. Você nunca duvidou. Os seus ditos diziam, antes, o que há por aqui. Sem exigir concordâncias. Cada um tem o seu tempo do acreditar. Aqui o tempo é inteiro. Ah, se soubessem por lá o que é a felicidade, as águas do esquecimento fariam perdoar os desacertos e a liberdade seria a compreensão do que fica quando tudo passa. E tudo passa!

Que bom que você chegou, Maria! Por aqui, só fica o que permanece.

*Gabriel Chalita é da Academia Paulista de Letras.

**ANA MARIA ESTEVES KAIUCA**

Para que serve mediação

Arnaldo Niskier:
Ana Maria Esteves Kaiuca é advogada, formada em Administração de

Empresas e cuida de alguma coisa sobre a qual vamos conversar detidamente que é a mediação, essa é a palavra do futuro. O que é mediação?

Ana Maria Esteves Kaiuca: Mediação é um instituto relativamente novo no nosso país, mas é muito antiga, remonta à era a.C. na verdade. Hoje o mundo todo vem utilizando a mediação como forma de resolução de conflitos. A mediação é uma forma de resolução de conflitos não adversarial em que as pessoas envolvidas são as protagonistas, são elas que vão construir a solução para o seu problema. Ela traz, com isso, poder às pessoas sobre suas vidas, sobre suas questões. Acho que ninguém é melhor do que nós mesmos para saber o que é melhor para nós. Então, diferentemente do judiciário, você tem a possibilidade de construir uma solução e ela tem alguns fundamentos muito importantes, porque tudo que você trabalha na mediação é confidencial. A pessoa vai lidar com o problema dela, vai resolver diante de um mediador, que é um terceiro, é imparcial, que vai ajudar essas pessoas a melhorar essa comunicação. Na verdade, é um facilitador, para que possam construir uma solução, ajudando cada uma a perceber o ponto de vista da outra. Então, é um instituto muito produtivo, muito útil, que traz saúde, porque com conflito ficamos mal. Ninguém vive bem com conflito. Então, a mediação é essa possibilidade de resolver conflitos de forma construtiva, com consenso.

Arnaldo Niskier: A mediação é um instrumento que pertence ao judiciário ou não tem nada a ver com isso?

Ana Maria Esteves Kaiuca: Hoje tem mediação dentro do judiciário, mas é um instituto que deveria ser privado, é uma forma de você resolver alternativa ao judiciário. Hoje, despejamos, no judiciário, milhares de problemas, milhares de ações esperando que ele dê conta disso tudo. Precisamos aprender a resolver problemas e a mediação é uma forma de resolver problemas, é independente do judiciário, apesar de que, no momento, o judiciário tem uma parte de mediação que oferece para as pessoas que querem resolver de outra forma. Então, o judiciário vem oferecendo isso já oficialmente, desde 2010, através da Resolução 125CNJ. No dia 4 de junho, ele assinou a convenção de Singapura que ratifica as decisões em mediação construídas ao longo das relações entre empresas internacionais dentro do nosso país. Se você fez uma mediação em Israel, ela vale aqui no Brasil, vai ser ratificada aqui no Brasil. Se você fez uma mediação em Nova Iorque, ela vai ser ratificada e aceita como uma decisão válida dentro do país. Isso é muito bom, porque as empresas têm maior segurança e mobilidade na resolução de conflitos, visto que o judiciário leva muitos anos para resolver uma questão.

Arnaldo Niskier: O judiciário é muito lento em nosso país, o que é uma pena. Você se interessou por isso a partir dos cursos que fez lá fora? Você estudou em Harvard, nos Estados Unidos, em Portugal. Foi isso que inspirou você a cuidar da mediação?

Ana Maria Esteves Kaiuca: Na verdade, o que me inspirou foi o curso que fiz na OAB do Rio de Janeiro, com a Gabriela Assmar, e que recebeu o Prêmio Inovare por essa prática. A Gabriela estudou fora, veio para cá, trouxe isso para a OAB do Rio de Janeiro e foi feito esse primeiro curso em 2009. Daí me interessei pelo tema, fui para Harvard fazer negociação; fui para a Argentina fazer o mestrado com o *Institut Universitaire Kurt Boach*; fui para Portugal, na Universidade Católica do Porto, onde faço uma formação. Já fiz em 2019 e estou fazendo outra agora, uma pós. Então, mergulhei nesse universo para entender melhor, percebendo que era um instituto muito importante para a vida das pessoas, para a sociedade, é uma mudança de paradigmas. Precisamos aprender a resolver problemas de forma tranquila, rápida, célere e com qualidade. Mediação é decisão, resolução com qualidade. É claro que você pode entrar numa mediação e não sair com um acordo, ela não tem a finalidade de um acordo, mas ela está ali para construir e possibilitar às pessoas a construção de um acordo através do diálogo.

Arnaldo Niskier: E a Covid ativou esse interesse pela mediação ou não tem nada a ver?

Ana Maria Esteves Kaiuca: A Covid aumentou em 400% a procura pela mediação, porque o judiciário, nesse momento, também está trabalhando com algumas limitações de funcionários, de idade, de material, de computador. Então, não está a pleno vapor e tem sido mais frequentes as decisões de tutela antecipada, medidas de urgência. As decisões das questões estão ficando para trás, porque o volume também de procura pelo judiciário nas tutelas de urgência foi muito grande. Então, agora, as pessoas estão procurando as câmaras privadas, os mediadores, para resolver suas questões e muitas coisas estão sendo resolvidas em tempo muito breve, muito rápido. Você resolve um divórcio, um inventário, em dois, três meses, o que que levaria anos para ser resolvido. A mediação é muito própria para as relações continuadas. Imagine um divórcio de uma família com filhos, você pode resolver muito rapidamente na mediação em dois, três meses e de forma qualitativa, porque ela visa a necessidade, o interesse das pessoas. Para os filhos, é ter pais que conversam, que têm um diálogo cortês, não precisa virar amigo de infância, mas precisa caminhar, dialogar, porque é uma relação para sempre.

Arnaldo Niskier: Você estudou em Harvard, que é uma referência universitária de primeira ordem, mas você estudou também em Portugal, por exemplo. É muito diferente o que se aprende num país e noutro?

Ana Maria Esteves Kaiuca: Portugal está mais voltado para a mediação, vem avançando muito. Estive em Portugal, em 2010, no primeiro Congresso da Universidade de Ciências Políticas de Lisboa e, de lá para cá, o crescimento em mediação foi muito grande. O país tem feito aliança com todos os trabalhos do Brasil. Tive uma grata surpresa, nessa pós-graduação, de estudar em materiais de brasileiros. Muita coisa construída aqui pelo CNJ, pelo Marcelo Girade, André Gomma, que trouxeram a mediação para o judiciário. Então, foi uma grande surpresa, mas eles estão trabalhando de forma muito efetiva, muito boa, trazendo todo esse estudo, os estudos deles e os nossos. Eles fizeram, na verdade, uma grande aliança entre Brasil e Portugal. Eu me vi representada também como brasileira nesse estudo da Universidade Católica de Lisboa. Muito, muito bom.

Arnaldo Niskier: Você se formou em Direito e Administração de Empresas. Esses dois cursos foram essenciais para o seu interesse pela negociação de conflitos?

Ana Maria Esteves Kaiuca: Na verdade, administrei muitos contratos em empresas multinacionais durante muitos anos. Trabalhei em várias empresas, administrando contratos, e vi, ao longo desse tempo, quantas coisas não saíram do papel, quantos projetos não caminharam, não avançaram por questões de conflito. Quando conheci a mediação, em 2009, começou a passar um filme da minha vida, gerenciando contratos em multinacionais, quanta coisa poderia ter ajudado aquelas pessoas a resolverem se tivessem esses conhecimentos. Na verdade, a mediação veio, não foi pela minha formação, mas pela vivência em que você não tem avanços quando você tem um conflito. Então, a mediação é extremamente útil no conflito, inclusive nas organizações. Fiz uma formação também com o Rudi Ballreich, do Instituto Trigon, na Alemanha, e ele traz muito isso. Stuttgart, mas fiz aqui no Brasil pelo Instituto EcoSocial. Eles têm uma parceria com o Rudi, que é do Instituto Trigon, e ele traz uma pesquisa falando do custo para as empresas da perda de um funcionário, que é o custo dele anual mais 150%. Então, é custoso, caro para as empresas perder um profissional. Um profissional, um gestor em conflito decide mal, ele adoce, tem úlcera, enfarto, uma série de coisas, porque o conflito adoce as pessoas. Um profissional com essas ferramentas da mediação – não precisa ser um mediador, basta ter essas ferramentas – vai poder ajudar a empresa a decidir de forma melhor. Se um advogado *in-house* tem uma formação em mediação, ele vai saber o que vai ajuizar e o que não vai ajuizar. Por exemplo, uma empresa tem um fornecedor que está lá há muitos anos com ela, contratou esse parceiro e deu um problema. Antes, você só tinha o judiciário para entrar, hoje há diversas câmaras que são capacitadas para ajudá-los na resolução desse conflito. Você vai resolver o conflito, vai manter o seu fornecedor, que é bom, e vai resolver num tempo muito pequeno. Imagina que você tem um contrato de um milhão de um fornecedor que vai cuidar do seu ar-condicionado ou da sua empresa. Você

tem um problema com ele vai para o judiciário, vai ficar 10 anos brigando. Você já comprometeu a verba, tem que andar com aquilo ali e não vai ter solução. Então, para as empresas, especialmente, não só intraorganizacional, entre pares, entre diretores, entre gestores como na relação dela com o cliente, com o fornecedor, com o mercado. É muito célere e qualitativo. Raramente há descumprimentos. Tenho 12 anos de mediação, se tive dois descumprimentos em acordos que fiz, foi muito, porque se você constrói, você se compromete. Estou fazendo isso, sei o que posso, vou oferecer o que posso, e eu cumpro, diferentemente de alguém que determina que eu faça isso ou aquilo.

Arnaldo Niskier: O que você fez lá no CIEE que brilhou intensamente?

Ana Maria Esteves Kaiuca: Propomos ao CIEE uma palestra sobre os métodos de resolução de conflitos adequados e alternativos ao judiciário. Até hoje, só tínhamos o judiciário como forma de resolução de conflitos ou de um problema. Hoje tem um tribunal multiportas, são várias portas que você pode abrir e resolver o conflito. Então, você tem a negociação, a mediação, a conciliação, a arbitragem e o judiciário, além de mais alguns outros métodos menos populares. Um gestor dominar as técnicas de negociação também é importante, ainda que não seja o mediador, mas pode evitar conflitos, pode identificar departamentos que não estão avançando por alguma questão, que pode ser o conflito e ser sanado, e a empresa avançar. Então, queríamos trazer para esses alunos do CIEE a possibilidade, a visão nova de mundo. O mundo mudou e o consenso é a palavra de ordem hoje. É isso que precisamos mostrar para esses jovens, essa possibilidade, essa nova forma de resolver. Até um estagiário pode auxiliar numa empresa dizendo: “Olhe, isso aqui podemos resolver assim, você pode resolver de outra forma.”

Arnaldo Niskier: Você trabalhou com estagiários e aprendizes, o público-alvo do Centro de Integração Empresa-Escola, e fez muito sucesso. Queria que você se detivesse um pouco sobre a conciliação nas escolas. Como educador, esse tema me interessa muito. O que se pode fazer para melhorar o relacionamento entre professores, alunos, diretores nas escolas brasileiras?

Ana Maria Esteves Kaiuca: Mediação. Na Argentina, tem criança de 5 anos fazendo mediação. Eles aprendem a resolver conflitos desde pequenos. Isso é muito importante. A Argentina é muito avançada em mediação e o projeto escolar aqui também já está avançando. Estamos trabalhando num projeto escolar, porque na escola você tem uma série de lados. Você tem a relação da escola com os pais, que hoje é bastante complicada, porque exige uma legislação que não favorece a escola quando o pai está devendo, então normalmente a escola perde o aluno e ainda fica com a dívida. Temos atuado nessa área, negociando, mediando entre pai e escola essa resolução da dívida, esse pagamento da dívida, porque ninguém escolhe uma escola para o filho para ficar um ano. Você escolhe como projeto de vida, você quer o seu filho naquela escola, porque acredita naquele método pedagógico que você quer que seu filho tenha. Então, resolver essa questão, começando nesse momento de pandemia especialmente, tem sido um avanço, tem sido muito útil, porque a escola ficaria no judiciário muito tempo. Ela tem que ficar com aquele aluno o ano todo, o pai pagando ou não, então o pai também precisa compreender que existe esse outro lado da escola, que também tem suas dificuldades. Isso tem sido muito bom. Na escola, com professores, inspetores que lidam no recreio com uma série de questões, as ferramentas da mediação são extremamente úteis e trazem muita harmonia e muita paz para essa escola.

Arnaldo Niskier: Sobre isso e a sua experiência notável, queria lhe dizer que, na semana passada, escrevi um artigo sobre *homeschooling*, a educação doméstica, na *Folha de São Paulo* e tive uma repercussão muito boa. Você acha que existe possibilidade, quando forem vencidos os obstáculos da Covid, de avançar esse estudo de educação doméstica? Ou você é a favor, francamente, da educação nas escolas e para casa fica o trabalho dos pais com os filhos e, naturalmente, com suas consequências óbvias? O que você acha da educação doméstica?

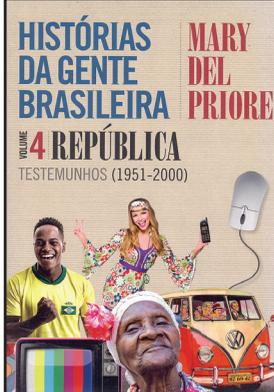
Ana Maria Esteves Kaiuca: A educação doméstica é fantástica, tenho uma amiga que mora fora, ela faz isso, pratica isso e os filhos são muito bem-informados e tem outra compreensão. Entendo que, aqui no Brasil, ainda não estamos preparados para isso. Por quê? Tenho 3 filhos e ia a todas as reuniões da escola. No universo de uma escola que tem 3 mil alunos, se você encontrar 100 pais, encontrou muito. Os pais podem participar. Meus filhos foram educados no São Vicente de Paulo, você participa do projeto pedagógico, você é ouvido.

Arnaldo Niskier: Na verdade, não defendi a educação doméstica, porque acho imprescindível que a garotada se frequente, que se veja nas escolas, que jogue seu goiunho nos intervalos das aulas, que namore e explore esse relacionamento, que é muito importante. Muita gente boa está defendendo essa educação doméstica. Na minha opinião,

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



HISTÓRIA DA GENTE BRASILEIRA

No quarto volume de *Histórias da Gente Brasileira* (Ed. Leya, 2019), Mary del Priore encerra a série Histórias da gente brasileira com República: Testemunhos (1951-2000), abordando a segunda metade do século XX. No período, o Brasil atravessou sucessivas tensões políticas e inúmeras mudanças sociais.

A premiada historiadora detalha as transformações que definiram o país em que vivemos hoje. Nas 448 páginas do livro, (re) visitamos um Brasil que viu suas cidades se verticalizarem e seguiu por uma odisseia no espaço doméstico.

Em sua robusta e fluida narrativa, Mary constrói um texto refinado, entremeado com testemunhos de quem viveu nesse tempo – anônimos e famosos, mas sempre sob um olhar

muito pessoal –, registrando as mudanças nas ruas, salas de estar, jardins, geladeiras, estantes, guarda-roupas e lençóis.

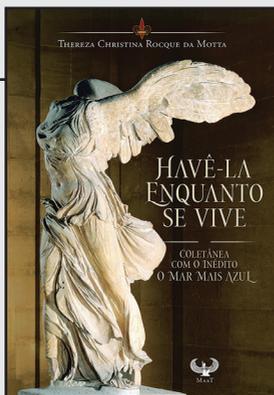
Mary del Priore é historiadora, duas vezes pós-graduada pela École des Hautes Études de Paris. Ex-professora dos Departamentos de História da USP e da PUC/RJ, é autora de mais de 40 livros. Recebeu mais de 20 prêmios nacionais. É membro do PEN Club do Brasil, da Academia Carioca de Letras e do Conselho Consultivo da Confederação Nacional do Comércio; sócia do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico e Geográfico/RJ; sócia correspondente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; acadêmica correspondente da Academia Nacional de La Historia de Argentina, da Real Academia de La Historia de Espanha e da Academia Portuguesa da História, entre outras instituições.

HAVÊ-LA ENQUANTO SE VIVE

No livro *Havê-la Enquanto se Vive* (2021), Thereza Christina Rocque da Motta reúne sua poesia de temática grega. Ao inédito O mar mais azul foram acrescentados textos compilados de 11 obras da autora que, em 2020, completou 40 anos de carreira literária. A edição marca o lançamento do selo Maat (Ibis Libris), voltado a publicações de mulheres. Esse rico compêndio de 150 poemas de inspiração grega traz orelha (certamente a última escrita por ele) do poeta Cairo Trindade, morto em 2020, e prefácio do poeta, crítico literário William Soares dos Santos.

Dividida em 12 partes, a primeira é formada pelo inédito O mar mais azul. Dos 11 novos poemas, seis foram provocados pelo olhar da tradutora. Thereza Christina traduziu o livro *The rise of Athens* (A ascensão de Atenas), do historiador britânico Anthony Everitt, para a Ed. Planeta. Fascinada pela leitura da obra, escreveu novos poemas.

Poeta, editora e tradutora, integrante da Academia Brasileira de Poesia, do PEN Clube do Brasil e da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil (Acilbras), Thereza Christina Rocque da Motta chefiou a pesquisa do Guinness Book, o Livro dos Recordes, e coordenou, até 1995, as pesquisas dos projetos especiais da Editora Três. Atualmente, concilia sua produção literária com o trabalho na Ibis Libris Editora, fundada por ela, em agosto de 2000.



A ONIPOTÊNCIA FESTIVA DO NADA

A Onipotência Festiva do Nada, livro de estreia de Cristina Fürst, é o primeiro lançamento do selo Maat, da editora Ibis Libris, voltado às publicações de obras de mulheres. Com 140 páginas, dividida em três partes, a edição reúne uma seleção de contos, crônicas, poemas e aforismos, tratando de temas como liberdade de expressão, sororidade, resiliência e o respeito à individualidade. O título vem de um desses textos, “Mantra”, que diz: “Cultuo a onipotência festiva do nada.” A orelha vem assinada pela astróloga Claudia Lisboa. O livro é prefaciado pelo poeta e jornalista Christovam de Chevalier.

O ato de escrever é uma constante na vida de Cristina Fürst.

Advogada, é oriunda da quinta turma de formação da Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, onde defendeu monografia intitulada Controle Parlamentar da Administração Pública. Pós-graduada em Processo Civil e especializada em Políticas Públicas, foi a assessora jurídica da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, assessora-chefe da Assessoria Técnica-Legislativa; diretora de comissões, consultora-técnica da secretaria-geral da Mesa Diretora e consultora-chefe da Consultoria e Assessoramento Legislativo.

A escritora compartilha suas experiências literárias através do blog www.cristinafurst.com.br: “Para minha essência não abandonar o meu ser”, explica.



JERUSALÉM, ATENAS E AUSCHWITZ: PENSAR A EXISTÊNCIA DO MAL

Em *Jerusalém, Atenas e Auschwitz: pensar a existência do mal* (2021),

Denis Rosenfield versa sobre o medo e sua libertação. Sua base é ampla, explorando a filosofia, a teologia, a história e a política, ao longo de 576 páginas. A narrativa de fôlego tem por fio condutor o pensamento do mal, cuja referência histórica é Auschwitz como símbolo de uma nova forma da morte e da maldade – não apenas a morte no sentido natural, mas também em sua acepção política e, mais particularmente, totalitária. As referências filosóficas são abundantes, notadamente a Hobbes e a Hegel, ressaltando, nesse último, a “dialética do Senhor e do Escravo”, tal como é apresentada na Fenomenologia do Espírito. Dentre os filósofos engajados, confrontados existencialmente ao nazismo, destacam-se Karl Jaspers e Hannah Arendt. Rousseau aparece como um interlocutor privilegiado da questão judaica em uma perspectiva filosófico-histórica. Leo Strauss e Alexandre Kojève entram tendo por pano de fundo a discussão com Carl Schmitt, Hobbes e Hegel.

Teologicamente, há uma ampla discussão com pensadores judeus, católicos, protestantes e evangélicos, em que o parâmetro é o pensamento sobre a maldade tal como se desenvolve durante a Guerra e após.

Denis Rosenfield, *docteur d'état* pela Universidade de Paris I (Panthéon-Sorbonne), é professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador do CNPq. Autor de diversos livros, é diretor da série de filosofia da coleção Passo-a-Passo, na qual publicou um volume sobre Hegel (2002).

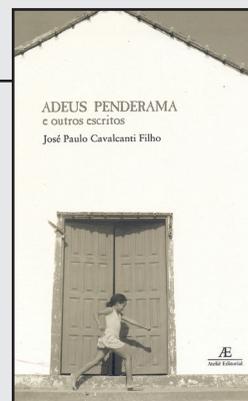


ADEUS PENDERAMA E OUTROS ESCRITOS

Em *Adeus Penderama e Outros Escritos* (Ateliê Editorial, 2008), José Paulo Cavalcanti Filho apresenta uma coletânea como um inventário provisório de saudades, olhares, dúvidas, indignações e esperanças. O livro reúne mais de cem textos. Dos afetos pessoais à violência, passam por política, economia, mídia e outros temas do cotidiano.

Sobre o título, o autor explica: “Engenho Penderama, onde nasceu meu pai. Não sei o que quer dizer esse nome. Melhor então considerar que tenha, de agora por diante, o sabor de perdas ilusões, esquecidas marcas de um início distante, caminhos que não voltarei a percorrer, pedaços de alma que andam perambulando por aquele terraço e aqueles campos. Voltei depois ao que um dia foi um cenário grandioso, em minha memória, e encontrei só o presente dilacerado.”

O jurista José Paulo Cavalcanti Filho (Recife, 21 de maio de 1948) é advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife. Foi secretário-geral do Ministério da Justiça e ministro (interino) da Justiça, no governo do ex-presidente José Sarney. Consultor da Unesco e do Banco Mundial, ocupa a cadeira 27 da Academia Pernambucana de Letras. Autor de vários livros, entre eles o premiado *Fernando Pessoa, uma Quase Autobiografia*, vencedor do Prêmio José Ermírio de Moraes da Academia Brasileira de Letras, em 2012.



A CHAVE DO MEU SONHO

A Chave do Meu Sonho – ou como um parafuso solto fez-me encontrar a chave e o sonho, publicado pelo selo Uka Editorial este ano, comemora os 25 anos de literatura de Daniel Munduruku.

Defensor das causas indígenas e educacionais, o professor Munduruku, de 57 anos, cujo sobrenome remete ao seu povo originário, do Pará, sonha em mudar a visão da sociedade brasileira através de livros e atos que reforcem “a outra versão da história”. É conhecido na cena literária por sua atuação desde 1996, data que marca a sua primeira publicação editorial, pela Cia das Letrinhas, com a obra *Histórias de Índio*.

Destinado ao público juvenil, com ilustrações de Rita Carelli, esse livro mostra o que acontece quando uma criança indígena é rejeitada pelos pais. A narrativa vai direcionando o leitor para os acontecimentos, enquanto apresenta a cultura de seu povo, suas relações sociais, as questões existenciais e sua jornada para tornar-se uma liderança espiritual. No prefácio, Elizabeth Serra, secretária-geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, elogia: “Com a chave que Daniel nos entrega neste livro, mais uma porta é aberta sobre a riqueza da cultura indígena e seus mistérios para nos orgulharmos de nossas raízes e caminharmos cada vez mais juntos.”



A carta da fome

Por José Arrabal*

Huang Tung foi sempre um homem bom.

Bom que nem fruteira carregada de frutos maduros em beirada de estrada que é terra de todos. Bom igual a planta de flor perfumada que enfeita o percurso do peregrino à procura de um lugar sagrado. Bom feito o tempo quando abençoa com chuva as plantações de arroz.

Dividia o que possuía e tinha os braços abertos para somar a satisfação da vida com os amigos na aldeia. Nunca estava só nas ruas, sempre havia alguém a seu lado, alegre em sua companhia.

Diziam os amigos que Huang Tung tinha três corações.

Um coração trabalhador sempre pulsando, pois trabalhava muito, na lavoura, na pesca, no artesanato e em casa. Gostava de trabalhar.

Um coração generoso e musical, semeando melodias em seus olhos e gestos bons no convívio com todos.

E um coração silencioso, guardado para pulsar quando Hung Tung encontrasse sua amada, pois era verdade dentre as verdades que ele ainda não encontrara o que mais queria na vida, o melhor da vida para um homem, uma boa esposa com quem em harmonia compartilhasse a existência.

Huang Tung não se amofinava. Sabia que na hora certa seu coração silencioso pulsaria. Quando? Isso não sabia...

Eis que um dia dura seca tomou conta das terras de sua gente, ameaçando o povoado e o povo com fome no porvir.

Huang Tung, triste, via o chão dos campos de arroz coberto de palha morta.

O que fazer? Que fazer?

Dividia o arroz que possuía, mas isso não molhava a terra.

Via o céu sem nuvens e o sol dourado feito ouro, lindo, cruel.

E a vida prosseguia com tensão nos corações.

Huang Tung não perdia a coragem da esperança. Todo dia bem cedinho encarava o firmamento que teimoso negava a abençoada chuva.

Tinha provisões em casa, certo que escasseavam. Contudo, o que mais temia era que seu coração, seu coração generoso, se esquecesse de pulsar, de semear melodias, olhos vivos, gestos bons no encontro com todos.

Eis que um dia à noitinha, sem dizer de onde vinha, chegou a sua casa uma velha em pele e osso que nada disse ao chegar. Apenas permaneceu em pé na porta olhando os olhos de Huang Tung.

– Entre... entre... Não se chega em paz na porta de alguém sem entrar – disse à visita que também tinha bons olhos, apesar da aparência esfomeada. – Onde moro há sempre espaço para quem vem – adiantou Huang Tung.

– E há comida também? – perguntou a visitante.

– Sim! Claro que tem! Tenho o que tenho e já finda, mas onde me alimento, enquanto tem o que tem, há também para quem vem – pulsou o coração generoso do anfitrião.

Trouxe um tanto do que havia em casa, pôs sobre a mesa e os dois se alimentaram juntos.

– De onde vem? – quis saber Huang Tung.

– De todo lugar. Sempre chego onde me esperam. Às vezes para o bem. Às vezes para o mal – informou a visita.

– Seja como for, prossiga se alimentando, pois vejo que a senhora tem fome – acrescentou Huang Tung.

– Sim. Esse é meu nome atual. Chamam-me Fome. Mais me agrada quando sou chamada de Fatura, vez e ocasião em que me apresento bela, com outro coração.

Huang Tung estranhou a conversa, mas pouco se importou com a estranheza do nome da velha. Naquele instante, o importante era pôr fim à fome da senhora Fome.

Trouxe mais comida para a mesa.

– E o que trouxe a senhora até nossa aldeia esta noite? – catou coragem e perguntou à visitante.

– Confesso... confesso... venho aqui para mudar de nome!

– Que bom! Que bom! – animou-se Huang Tung. – Que bom que é assim e que assim acontece em nossa aldeia. Seja bem-vinda. Que eu possa ajudá-la a mudar de nome!

A velha senhora prosseguiu comendo até fartar-se.

Alimentada, sorriu feliz:

– Confesso que cheguei conforme cheguei, mas vale esclarecer que foi o senhor quem me trouxe aqui.

– Eu? Custa a crer! A bem da verdade só agora estamos nos conhecendo...

– Mas sempre reconheci sua bondade... – completou a visita com certa satisfação no olhar.

Levantou-se pronta para sair.

– Não quer ficar? Passar aqui a noite? Não é hora de seguir viagem! A escuridão da estrada guarda consigo o desconhecido que às vezes traz temor a quem viaja – ponderou Huang Tung.

– Mais vale a coragem que advém da bondade. Somos o que colhemos com aquilo que plantamos. Tranquila, pela manhã estarei aqui de novo, também bem-vinda – despediu-se a visitante.

Na porta da casa, antes de sair, ainda disse:

– Estou grata e, se tenho algo a lhe ofertar, é isso aqui. Esta carta com dizeres que já sabe, mais esta aliança que vai gostar de usar – e assim partiu, após entregar os presentes a Huang Tung.

Sem muito entender tudo do que havia acontecido, Huang Tung guardou a carta na gaveta da mesa de refeição e, no dedo indicador de sua mão esquerda, passou a usar a aliança.

Deitou e dormiu em paz o restante da noite.

Despertou na manhãzinha, acordado por voz na porta de sua casa.

– Senhor Huang Tung! Senhor Huang Tung! Acorde! Venha! Venha! Venha ver a chuva que chegou e molha o arrozal – dizia quem chamava.

Abriu a porta e viu... Viu diante dele a mais bela jovem antes jamais vista por ele, tão bela quanto a chuva que via... e não viu só moça e chuva... pois igualmente viu no dedo indicador da mão esquerda da jovem uma aliança igual à que tinha em sua mão.

– É a fatura quem chega, senhor Huang Tung! Que bom! Que bom! – adiantou-se a moça...

E o coração silencioso de Huang Tung pôs-se a pulsar, tão forte quanto o seu coração generoso, mais seu coração trabalhador.

Deveras houve fatura sem ameaça de fome no porvir.

E a vida prosseguiu pelo rodopio veloz das estações do tempo... Faz tempo...

Faz tempo... Faz tempo...

E conforme o tempo segue outra história o tempo traz:

– Vovô! Vovô! Veja o que encontrei no fundo desta gaveta na mesa de refeição! – O pequeno neto correu ao encontro do velho Huang Tung que vinha do trabalho no arrozal da aldeia.

– O que é isso? O quê? – quis saber o avô, com suas fortes mãos levantando para o alto o menino todo alegre.

– Uma carta... Carta antiga... fechada e guardada há tanto tempo – respondeu o neto.

– Vamos ler... Vamos ler o que nos diz... – concordou Huang Tung e satisfez à criança.

Leram com certo vagar:

“A bondade dos homens atrai a bondade dos céus. É sábia a natureza que bem reconhece o que merecem os homens por conta de seus feitos. Assim a natureza observa os homens. Se encontra bondades, é boa e generosa. Se encontra ganâncias, é avara de bondades, dá rasteira nos gananciosos, levando-os de volta à miséria mal dobram esquina na estrada da existência. Verdade que o tempo sempre ensina, por mais que só poucos aprendam.”

Prosseguiram pulsando os três corações de Huang Tung bem além desta história.

*José Arrabal é membro-correspondente da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL).

Sobre Einstein, Spinoza e Deus

Por Jonas Rabinovitch*

“O diabo pode citar a Bíblia para atingir seus propósitos.”
(William Shakespeare)

Quando perguntaram a Einstein se acreditava em Deus, ele respondeu: “Eu acredito no Deus de Spinoza.” Fiquei curioso e fui pesquisar. “Que diabo de Deus será esse?” Não sei muito sobre filosofia, mas sei que todo filósofo reflete seu tempo e sua história. Hegel escreveu: “Toda grande filosofia representa seu próprio tempo apreendido em pensamento.” Segundo Nietzsche, “Toda grande filosofia é uma confissão pessoal de seu criador”.

A filosofia de Baruch Spinoza reflete sua época: filho de judeus portugueses que migraram para a Holanda fugindo da Inquisição, ele nasceu em Amsterdã em 1632. Foi expulso da sinagoga local em 1656, aos 34 anos, por blasfêmia. Se ele vivesse hoje, teria sido expulso de muitas igrejas, muitos programas de TV e de muitos fã-clubes de artistas superficiais. Uma ótima pessoa. Gostaria de tomar uma cerveja com ele.

Spinoza viveu numa época de transição entre o medieval e o moderno. Ele observou que os avanços da ciência estavam tornando obsoleto o Deus medieval todo-poderoso. Ele foi talvez o primeiro a perceber que a felicidade não é uma questão de sorte, mas de consciência. Até hoje, muitas pessoas ainda jogam na loteria sem perceber isso. Spinoza descreveu uma sociedade secular e democrática pelo menos 100 anos antes que o mundo produzisse um exemplo concreto disso. Vivendo 200 anos antes de Darwin, ele entendeu que o design da natureza evolui através de processos que não dependem de um designer. Spinoza finalmente propôs um Deus que não está “acima da natureza, mas faz parte dela”. Então entendi a admiração de Einstein.

Einstein, grande cientista, acreditava no Deus de Spinoza. Segundo Einstein, Deus se manifesta na harmonia ordenada do que existe na natureza e não se preocupa com o destino e as ações dos seres huma-

nos. Mas isso responde apenas parte da pergunta. Afinal, o que governa o destino e as ações dos seres humanos? Aquela parte que não interessou a Einstein me interessa muito. Einstein escreveu seu famoso artigo sobre a teoria da relatividade em 1905, quando tinha 26 anos. Ele viveu a transição entre o moderno e o contemporâneo. Ele propôs o modelo físico mais atual para o universo, muito antes de inventarem a televisão, o computador, a internet e o samba. Mas vivemos melhor por causa disso?

A física quântica, por exemplo, evoluiu muito nos últimos trinta anos. Mais recentemente, físicos e místicos tentam alinhar as teorias físicas de Einstein sobre espaço, tempo e movimento com as teorias da física quântica para estudar o comportamento caótico da matéria em um nível microscópico. A ideia básica é que tudo está conectado.

O que acontece ou não em nossas vidas teria mais a ver com a forma como nos relacionamos com os outros do que com um poderoso ser que viveria nos céus.

Resumindo: existem pessoas que não se importam com os outros, mas conhecem a Bíblia e pensam que Deus os ama por causa disso. Algumas pessoas acumularam muitos bens materiais porque se corromperam e enganaram, mas oram fervorosamente e acreditam que Deus as ama por isso. Existem pessoas que fazem chantagens obscuras com o espiritual para obter o material, tendo a sensação de serem amados por Deus por isso. A história está repleta de exemplos de grupos de pessoas que usaram o nome de Deus para aniquilar outras pessoas. O que mais me incomoda é que isso seja considerado historicamente normal.

Por outro lado, algumas pessoas são de fato melhores porque acreditam num Deus, qualquer que seja sua religião. Respeito a todos. Pessoalmente, sou budista, judeu, ateu, cristão, espiritualista, muçulmano, umbandista, confucionista, confuso, equilibrado, agnóstico, diagnóstico, prognóstico, não necessariamente nesta ordem. Acho que Deus entende tudo, até diferenças entre religiões.

Acredito em qualquer religião que melhore o comportamento das pessoas e a forma como tratam os animais. Espero que Deus goste de mim por causa disso.

Podemos discordar sobre Spinoza, Einstein ou Deus, mas como seres humanos dividindo a mesma época, nossa melhor oração seria respeitar mais o outro. Se Spinoza aparecesse aqui hoje, certamente seria bem-vindo para tomar uma cervejinha com a gente.

*Jonas Rabinovitch é arquiteto urbanista e conselheiro sênior da ONU em Nova York para Inovação e Gestão pública .

Meia-noite

Por Raquel Naveira*

Quase meia-noite. Aguardo essa hora mágica, em que o relógio soará as doze badaladas. O pêndulo oscilando entre o hoje e o amanhã, a treva e a luz, a vida e a morte.

Qual Safo de Lesbos (625-580 a. C.), a maravilhosa poetisa do mundo grego antigo, percebo que a lua já se pôs, as constelações também, que a hora passa e que estou deitada sozinha, nesta noite de verão, como ela, há dois milênios, numa ilhar do mar Jônio.

Quase meia-noite. Meia-noite é o marco zero. Fim de um dia, começo de outro. Essa é uma convenção de origem romana. Plutarco comentou que, sem ela, não haveria como definir a duração de um dia. Os raios de sol na madrugada e no poente seriam marcadores instáveis.

À meia-noite, correrei para a rua. A carruagem passará para me levar. Nela estará o meu noivo. Atravessaremos campos e mares até avisarmos um castelo suntuoso, onde acontecerão nossas bodas. O amor até a consumação dos séculos.

À meia-noite, como num filme, conhecerei um grupo de estranhos, de grandes nomes da literatura e das artes plásticas, que me levarão para

uma viagem ao passado. Estou cada vez mais insatisfeita com o presente, com uma sensação constante de aflição e mal-estar. Insuportáveis para mim os temas contemporâneos. Em breve, serei transportada para Paris dos anos 1920, época de ouro e charme. Conversarei com Gertrude Stein e Salvador Dalí. Entrarei nas telas de Matisse e Degas, como uma bailarina vestida de rosa e azul.

À meia-noite, terei que fugir, sair da festa, deixar meu sapato de cristal no degrau da escada. Um rastro de mim. Há pouco, eu dançava ao longo do abismo de estrelas. Agora, perambulo pelas esquinas dessa grande cidade em andrajos. Quem sou na noite alta? Não creio que eu seja, mas perduro como fantasma na memória, engolida pelas brumas.

À meia-noite, sairei pelo Egito recolhendo os cadáveres dos primogênitos. Observarei a troca de guardas nas guaritas do deserto, de onde virão os tártaros. Num abrir e fechar de olhos, cântaros se quebrarão em estilhaços de barro. Eu me deitarei toda perfumada aos pés do meu amado e pedirei que me resgate das mãos do inimigo. Cantarei tão forte que os grillhões da masmorra se partirão. Enfim, ficarei livre.

Espero de olhos abertos a chegada da meia-noite. Meia-noite em ponto. A hora exata.

*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.

A poesia do Rei Davi

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Cabeça do rei David, França, procedente da catedral de Notre-Dame, Paris, portal sul da fachada ocidental (Metropolitan Museum of Art).

No final de setembro deste ano, em que a Igreja Católica celebrou os 50 anos do Mês da Bíblia, uma notícia alvissareira quase passou despercebida pela grande imprensa, em meio ao noticiário utilitário e político que tem tomado conta da mídia. A imagem do Rei Davi, furtada da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Duque de Caxias (RJ), procurada há 47 anos, foi, finalmente, recuperada.

Um dos primeiros bens tombados do país, em 1938, apenas um ano após a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar foi construída no início do século

XVIII nas margens do antigo porto do Pilar do Iguçu, sendo a sede religiosa de um dos locais mais ricos da região, durante o ciclo do ouro.

Assim como na literatura bíblica, as imagens sacras do Rei Davi e de sua amada Betsabá passaram por maus momentos. Furtadas da Igreja Matriz em 1974, as esculturas seguiram destinos diferentes e ficaram desaparecidas por mais de quatro décadas, até serem localizadas em acervos de colecionadores, em São Paulo.

A primeira escultura recuperada foi a da rainha consorte de Israel (Betsabá, esposa do rei Davi e mãe do rei Salomão). Em seguida, foi a vez da imagem do Rei Davi. As obras, executadas na primeira metade do Século XVIII, possuem características do barroco joanino, em madeira policromada e douramento, com cerca de 1,20m de altura. Juntas, for-

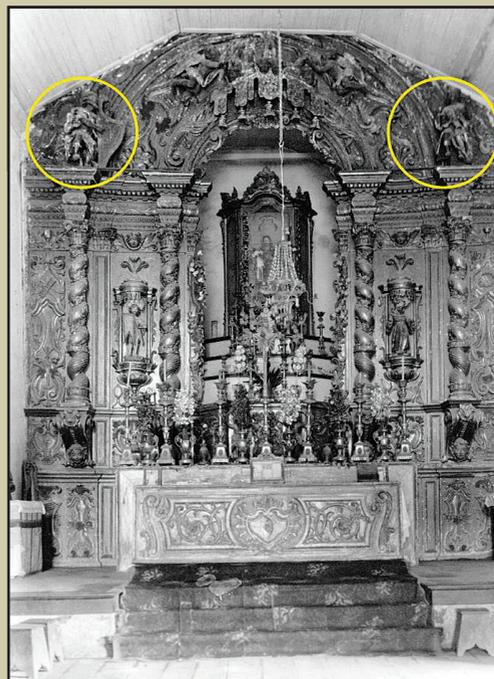


As imagens do Rei Davi e da esposa Betsabá, no estilo barroco do século XVIII, são folheadas a ouro.

Salmo 19:1: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.”



Fachada da Igreja Matriz Nossa Senhora do Pilar (Duque de Caxias, RJ), em restauração há 7 anos.



Altar-mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Duque de Caxias, com as imagens recuperadas em destaque.

mam o conjunto escultórico pertencente ao altar-mor da igreja histórica.

ICONOGRAFIA

A transcendência estética das imagens ajuda a fortalecer os ensinamentos religiosos através do encantamento dos devotos com a beleza artística. Com a imagem do Rei Davi, em Duque de Caxias, não era diferente. A iconografia do conjunto escultórico da Igreja Matriz de Nossa

Senhora do Pilar chamava a atenção dos fiéis, levando-os a se interessar pela trajetória simbólica do rei Davi e, consequentemente, pelos Salmos, autor da maioria deles. Textos de pura poesia, os escritos supõem o contexto maior de uma fé que nasce da história e constrói história.

OS SALMOS

Maior, mais central e mais lido livro da Bíblia, os Salmos são usados como orações ou louvores, tanto no Judaísmo, no Cristianismo ou no Islamismo. Tal fato – ser comum aos três monoteísmos semitas (apreciados igualmente por judeus, cristãos e muçulmanos) – não tem paralelo.

Coração do Antigo Testamento, os 150 (ou 151, segundo a Igreja Ortodoxa) cânticos e poemas proféticos são uma espécie de síntese que reúne todos os temas e estilos dessa parte do Livro Sagrado. O rei Davi teria escrito, ao menos, 73.

Um dos mais diversos livros da Bíblia, – já que lidam com temas como Deus e Sua criação, guerra, adoração, sabedoria, pecado, julgamento, justiça, o mal e a vinda do Messias –, o período em que os Salmos foram escritos varia muito. Representa um lapso temporal de, aproximadamente, um milênio, desde 1440 a.C., quando houve o êxodo dos judeus do Egito até o cativo babilônico. Muitas vezes, os poemas permitem traçar um paralelo com os acontecimentos históricos.

A personalidade e identidade de Davi estão claramente estampadas em muitos poemas. Dois deles, porém – 72 e 127 – são de Salomão, seu filho e sucessor. O Salmo 90 é uma oração atribuída a Moisés. Outro grupo de 12 textos é de autoria da família de Asafe. Os filhos de Coré

escreveram 11. O Salmo 88 é atribuído a Hemã, enquanto o Salmo 89 foi escrito por Etã, o ezraíta. Com a exceção de Salomão e Moisés, todos esses autores foram sacerdotes ou levitas responsáveis pelo fornecimento de música para a adoração no santuário, durante o reinado de Davi. Cinquenta e um textos, no entanto, têm a autoria desconhecida.

REI DAVI, O POETA

A história de Davi – poeta, alzo dos filisteus e rei de Israel – ocupa 42 capítulos da Bíblia e é uma das mais conhecidas. O significado do nome “Davi” (dawid) é incerto. Uma das possibilidades mais aceitas é a de que o nome Davi signifique “amado”, procedente do hebraico “dod”. Já foi sugerido também que dawid deveria ser equiparado ao termo dawidum, “chefe” ou “oficial do exército”. Mas, se assim fosse, “Davi” seria um título e não um nome próprio. Essa sugestão, portanto, ficou improvável.

Descrito como “o doce salmista de Israel” (2 Samuel 23:1), o Antigo Testamento faz referências a Davi também como líder da adoração musical de Israel, inventor de instrumentos, poeta e habilidoso compositor. Citado inúmeras vezes não apenas no Antigo Testamento, mas também no Novo Testamento, é mencionado com destaque na genealogia de Jesus nos Evangelhos. A menção mais importante é como “ancestral segundo a carne de nosso Senhor Jesus” (Romanos 1:3).

Ao todo, existem pelo menos 58 referências ao rei Davi no Novo Testamento. Entre elas, inclui-se o título frequentemente utilizado para se referir a Jesus como “Filho de Davi”. No livro do Apocalipse, o apóstolo João registrou as seguintes palavras ditas pelo próprio Jesus: “Eu sou a raiz e a geração de Davi” (Apocalipse 22:16).

Uma das descrições mais conhecidas sobre quem foi Davi está registrada no livro de Atos dos Apóstolos. Nela, vemos que o rei Davi era um homem “segundo o coração de Deus” (Atos 13:22).

HISTÓRIA

Davi era o filho mais novo de Jessé, pertencia à tribo de Judá, e era neto da moabita Ruth com o judeu Boaz. Nascido em Belém, cidade a aproximadamente 10 quilômetros ao sul de Jerusalém, seu pai era um homem rico e respeitado na cidade.

Um episódio que trouxe extremo reconhecimento a Davi entre o povo de Israel foi quando ele enfrentou e matou o gigante filisteu Golias (1 Samuel 17). No campo de batalha, Davi tomou conhecimento do desafio imposto por Golias ao exército de Israel: um confronto individual contra o escolhido hebreu. O lado vencedor determinaria o resultado da batalha. Na época, lutar contra aquele gigante parecia ser um suicídio.

Quando se ofereceu para aceitar o desafio do gigante filisteu, Davi recebeu o melhor equipamento militar entre os hebreus, mas recusou a oferta, pois não conseguiu manejar a armadura. Na ocasião do combate, utilizou apenas uma pedra e uma funda como arma. O gigante foi derrotado, sua cabeça foi cortada e a vitória do jovem pastor evidenciou que o “Senhor dos Exércitos” estava com ele.

A história de Davi como rei começou ainda antes de ele assumir o trono. Primeiro, ele tornou-se rei da tribo de Judá, em Hebrão (2 Samuel 2-4). Depois, tornou-se rei sobre as doze tribos de Israel, após a morte de Isobete, filho de Saul. Foi o primeiro a governar Israel como um império unificado. Mesmo com a divisão que ocorreu após a morte de seu filho, o rei Salomão, a dinastia da casa de Davi durou aproximadamente 425 anos.

ANTIGUIDADE DOS ESCRITOS

Não se nomeia os Salmos por capítulos e sim por Salmo. Cada Salmo é uma unidade distinta, devendo ser identificado por seu número e estudado no contexto histórico próprio.

Um exame cuidadoso da questão da autoria, bem como dos assuntos abrangidos em si, revela que os escritos cobrem um período de muitos séculos. O Salmo mais antigo é a oração de Moisés, uma reflexão sobre a fragilidade do homem em comparação com a eternidade de Deus. O mais recente, provavelmente, é o Salmo 137, uma canção de

lamento claramente escrita durante os dias em que os hebreus foram mantidos em cativeiro pelos babilônios, cerca de 586-538 a.C.

Os 150 salmos individuais foram escritos por diferentes pessoas durante um período de mil anos na história de Israel, provavelmente compilados e agrupados em sua forma atual por algum editor desconhecido, logo após o término do cativeiro, em cerca de 537 a.C.

Inicialmente transmitidos pela tradição oral, a fixação por escrito se deu, sobretudo, através do movimento de recolha das tradições israelitas, iniciado no exílio babilônico pelo profeta Ezequiel (séculos VII-VI a.C.). Mas alguns textos são anteriores, sendo bastante difícil a sua crítica do ponto de vista literário.

Em termos de conteúdo, possuem estrutura coerente, o que pode ser observado, igualmente, em passagens do Antigo Testamento e em obras literárias do Oriente Médio da Antiguidade. Levando-se em conta a comparação com a literatura poética do Egito, da Assíria e da Babilônia da época, pode-se afirmar que estes poemas de Israel são expoentes da poesia universal.

Salmo 23:1: “O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará.”

CÂNTICOS

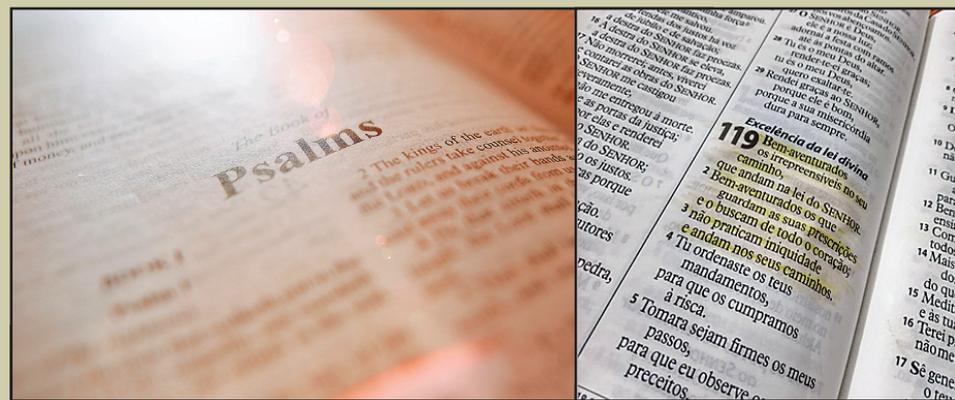
Tal como em outras tradições culturais, a poesia hebraica andava estreitamente associada à música. São designados em hebraico pelo termo Sefer Tehilim, que significa “livro de louvor”. O nome “Salmos” vem da língua grega “Psalms”, e significa “cânticos acompanhados ao som do saltério”, ou ainda “oração cantada e acompanhada com instrumentos musicais”.

É o décimo nono livro do Cânon, sendo para os judeus o primeiro dos hagiógrafos, nesta ordem: Salmos, Provérbios, Jô, Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas.

No Novo Testamento, a palavra Psalmon aparece em Lc 24:42 e At 1:20. Os manuscritos gregos, de um modo geral, trazem o título Psalms, mas alguns os denominam Psalterion (saltério), que quer dizer “coleção de cânticos”.

Os Salmos são o “livro de música” da igreja primitiva. Todos possuem caráter musical, que determina o modo como devem ser executados. E assim, mesmo quando recitado sem canto, ou até individualmente ou em silêncio, sua recitação deve considerar o aspecto musical. Os poemas constituíam um hinário litúrgico para uso nos templos de Jerusalém, dos quais transitaram quer para a sinagoga judaica, quer para as liturgias cristãs.

Na Igreja Católica, os Salmos formam o núcleo da oração cotidiana. A oração conhecida por “Rosário”, com suas 150 Ave Marias, formou-se por analogia com os 150 Salmos do ofício ritual católico.



O nome Salmos vem da língua grega Psalms.

Cada Salmo é uma unidade distinta, devendo ser identificado por seu número.

Salmo 119:1-2: “Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho, que andam na lei do SENHOR. Bem-aventurados os que guardam as suas prescrições e o buscam de todo o coração.”

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Empatia, sentimento fundamental

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

com os dramas das guerras e dos refugiados e com o olhar comovido das crianças órfãs, que em terra estranha, só irão sobreviver se encontrarem o apoio e a compreensão. Às vezes é preciso ser muito criativo para que isso aconteça!

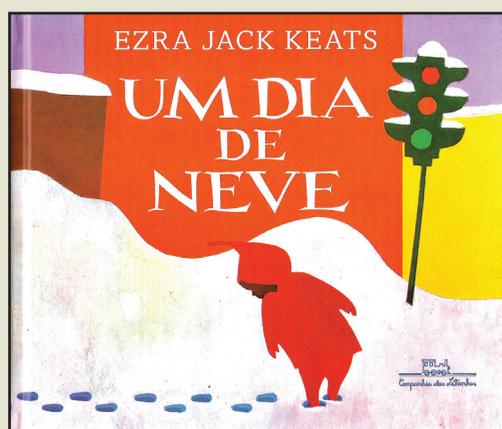


Colocar-se no lugar do outro, compreender sentimentos e sofrimentos, ser solidário, compartilhar alegrias e decepções, assim eu compreendo o que significa ser humano.

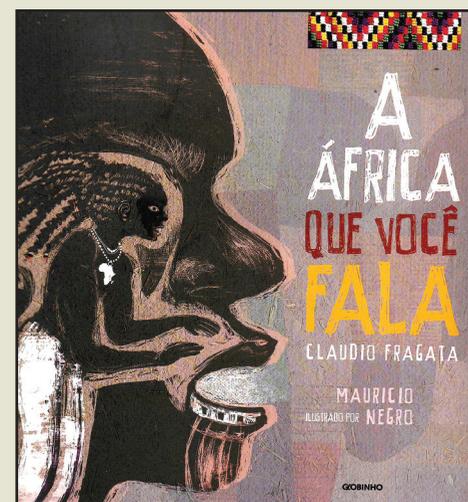
Se não senti na pele o sofrimento do outro, não significa que não o compreenda, apesar das minhas limitações, e de não sofrer junto. Temos tantas dívidas, os preconceitos nos rondam e, às vezes, o simples uso de um véu pode nos afastar. A riqueza da literatura infantil está na possibilidade de promover diálogos, valorizar histórias, transformar o outro em o próximo.

Comecei a ler *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves (Record), parei um pouco, o sofrimento era tão vivo e pungente que doía demais em mim. Entre lágrimas dolorosas precisei me rever para poder continuar. Não consegui ler com distanciamento, aquela dor é também minha.

Neste mês de Zumbi, destaco lindos livros e relembro outros, onde a empatia e o amor estão presentes.

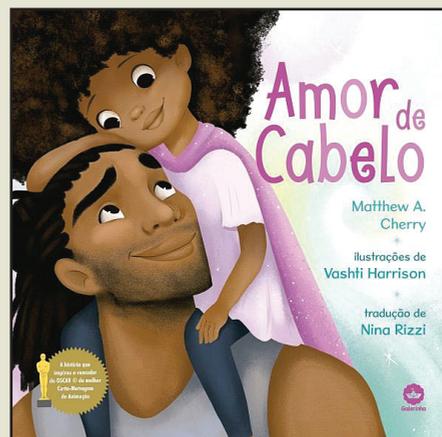


Um Dia de Neve – Texto e ilustração de Ezra Jack Keats, tradução de Julia Bussius (Companhia das Letrinhas) – Esta história foi publicada pela primeira vez em 1960 e a história da história, contada nas páginas finais do livro, é muito interessante. Vamos conhecer Peter, um garotinho curioso que sai para passear em um dia em que a neve mudou o cenário. Descobertas, aventuras narradas de um jeito gostoso e com lindas ilustrações.

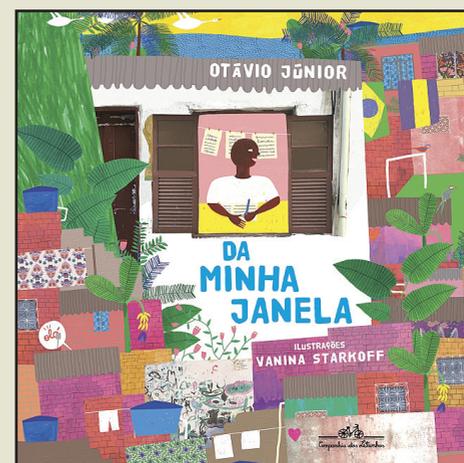


A África que Você Fala – Cláudio Fragata escreveu e Maurício Negro ilustrou (Globinho) – As raízes africanas tornam-se evidentes em nossa língua. Com rimas fáceis e escolhendo palavras divertidas como xodó e cafuné, Cláudio Fragata demonstra que, apesar de separados pelo oceano, a África está pertinho de nós!

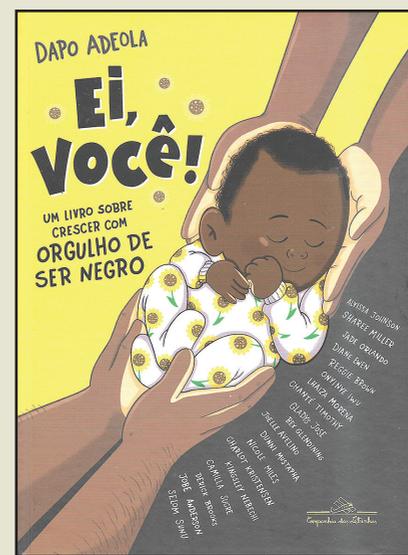
Eu Sou uma Noz – texto de Beatriz Osés, ilustrações de Jordi Sempere e tradução de Alexandre Boide (Escarlate). Tive a chance de ler esse emocionante texto ainda em original. Fiquei muito comovida. Ganhador do Prêmio Espanhol Edebê de Literatura Infantil 2018, a singeleza do texto com a história do pequeno Omar nos sensibiliza



Amor de Cabelo – Matthew A. Cherry, ilustrações de Vashti Harrison, tradução de Nina Rizzi (Galerinha – Record) – História vencedora do Oscar de Melhor Curta-Metragem de Animação. Zuri diz que seus cabelos têm vida própria, se torcem, enrolam, viram e reviram... A menina gosta muito dos seus vários penteados afro. Mas, hoje é um dia especial e ela precisa de um penteado também especial. Com a mamãe ausente, o papai tem que improvisar e... Zuri fica linda!



Da Minha Janela – O Prêmio Jabuti de Literatura Infantil premiou Otávio Júnior (o querido Livreiro do Alemão), com a obra *Da minha janela* – ilustrações de Vanina Starkoff (Companhia das Letrinhas). Poesia colorida como um belo samba-canção com a favela de enredo. Otávio Júnior reuniu a paisagem da sua janela neste livro, cheio de cores, gente, dores e alegrias, e muito, muito amor!



Ei, Você! Um livro sobre crescer com orgulho de ser negro – “Ei, você, criança!.. este é o livro que eu amaria ter lido quando tinha a sua idade! Sabe por quê? Quando eu era pequena não existiam livros com personagens parecidas comigo.” Taís Araújo demonstra a importância da identificação, do amor, da autoestima na formação da identidade cultural e social de crianças negras. Escrito por Dapo Adeola, britânico-nigeriano, ilustrado por vários artistas negros e traduzido por Stafano Volp (Companhia das Letrinhas). Diz o autor: “Este livro é dedicado a todas as crianças da diáspora negra, tanto os jovens quanto os mais velhos. Foi escrito por nós, ilustrado por nós e nasceu do amor por nós.” O nascimento do bebê, o seu pertencimento no mundo, a importância das gerações passadas e dos que hoje servem de exemplo. É você quem escolhe o seu próprio destino, e você pode ser o que quiser. Um livro para todos!

acervo JL

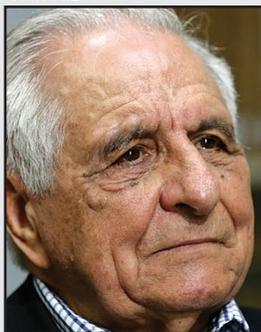


FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN

Visconde de Porto Seguro, nasceu em São João de Ipanema, SP, a 17 de fevereiro de 1816. Filho de Frederico Luís Guilherme de Varnhagen e de Maria Flávia de Sá Magalhães, estudou no Real Colégio da Luz em Lisboa, de

1825 a 1832 e, a seguir, ingressou na Academia de Marinha. Faleceu em Viena, Áustria, a 26 de junho de 1878. É o patrono da cadeira nº 39 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Oliveira Lima. Tenente de artilharia do exército português, aperfeiçoou-se em assuntos de natureza militar e de engenharia. Publicou, em 1838, um ensaio intitulado *Notícia do Brasil*. Colaborou em *O Panorama*, dirigido pelo grande historiador português Alexandre Herculano. Nomeado adido à legação do Brasil em Lisboa, em 1841, foi incumbido de pesquisar documentos sobre a História e a Legislação referentes ao nosso país. Nesse mesmo ano, passou a integrar o Imperial Corpo de Engenheiros do exército brasileiro, do qual se desligou três anos depois. Voltou à carreira de diplomata e, em 1854, conseguiu editar a *História Geral do Brasil*, sem indicação explícita de autoria. Já licenciado do exército português, tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (18 de julho de 1840). A obra de Varnhagen inclui *O Descobrimento do Brasil*; *O Caramuru Perante a história*; *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*; *História Completa das Lutas Holandesas no Brasil*; *Épicos Brasileiros*; *Florilégio da Poesia Brasileira*; *Amador Bueno*, Drama Histórico; *Cancioneiro*; *Literatura dos Livros de Cavalaria*..

acervo JL



JOÃO MALACA CASTELEIRO

(Covilhã, Teixoso, 29 de agosto de 1936 – Lisboa, 7 de fevereiro de 2020) foi um professor, investigador e linguista português. Licenciado em Filologia Românica, em 1961, com doutorado na Faculdade de Letras da

Universidade de Lisboa, é, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Em 1981, foi distinguido com o Grande Prêmio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa. Foi responsável pela versão portuguesa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, bem como foi coordenador científico do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* e do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, editado em 2009. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu o Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Coordenou e colaborou em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, articulando com o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros. Sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de títulos sobre Linguística, Didática do Português, Língua Estrangeira e situação da língua portuguesa no mundo. Publicou obras como *A Língua e a sua Estrutura*; *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*; *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du Portugais en tant que langue étrangère*; *A Língua Portuguesa em África e A Língua Portuguesa no Oriente: do século XVI à atualidade*..

acervo JL



GREGORIO MARAÑÓN Y POSADILLO

(Madrid, 19 de maio de 1887 – 27 de março de 1960) foi um médico, cientista, historiador, escritor e pensador espanhol, pertencente à geração de 1914, cujos trabalhos nas áreas científica e histórica teve relevância internacional. Durante um período de quarenta anos, dirigiu a cadeira de Endocrinologia do Hospital Central de Madrid. Ele era membro titular da Real Academia Espanhola de História, Belas Artes, Medicina e Ciências Exatas, Físicas e Naturais. Na década de 1930, publicou seus ensaios históricos com especial atenção ao gênero biográfico. Fundou o que se denominou “psico-história”. Publicou obras como *Ensayo Biológico sobre Enrique IV de Castilla y su Tiempo* (1930); *Um Estudo sobre a Timidez* (1932); *As Ideias Biológicas do Padre Feijoo* (1934); *O Conde-Duque de Olivares, a Paixão de Comandar* (1936) ou *Tibério, História de un Resentimiento* (1939), em que analisou várias facetas do comportamento humano. Casado com María de los Dolores Moya e Gastón de Iriarte em 1911, tiveram três filhas e um filho: María del Carmen; Maria de Belém; María Isabel, e Gregorio, o primeiro marquês de Marañón grande da Espanha. Do exílio em Paris, em 1941 escreveu *Elogio y Nostalgia de Toledo*, onde investiga aspectos e figuras de Toledo como os conventos, El Tajo, Garcilaso ou El Greco. Com o seu discurso *El Toledo de El Greco*, entrou na Real Academia de Belas Artes de San Fernando em 1956. Poucos dias antes de morrer, em março de 1960, voltou ao cigarro para contemplar pela última vez um pôr do sol de Toledo e pronunciou sua famosa frase: “Toledo, luz da minha vida.”

Por que escrevemos

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Refletir sobre a escrita, o ato de escrever, é assunto interminável. Talvez porque desperte interesse semelhante nos dois tipos de pessoas que se ocupam da Literatura: as que escrevem e as que não escrevem.

Recentemente falecido, o poeta capixaba Sérgio Blank desenvolveu há alguns anos uma série de encontros com escritores locais para falar da relação de cada um com a escrita. Cronistas, contistas, romancistas, num total de doze escritores, deram um panorama do que se faz atualmente por estas plagas, mas principalmente compartilharam com o público experiências e processos criativos. A série de entrevistas acabou virando livro, publicado em 2018. Não que se trate de iniciativa original (e Blank e os participantes e até o público sabíamos disso), mas essa reflexão, para dizer o óbvio, é importante. Mais do que isso, volta e meia ocupa o escritor, que às vezes permeia de traços reflexivos as tramas e situações que oferece ao leitor. Quando não produz reflexões sistemáticas sobre o tema.

A respeito ocorre-me o exemplo de Umberto Eco. O professor italiano, falecido em 2016, se tornou, como se sabe, um caso raro de ensaísta que conheceu sucesso semelhante, ou até maior, fazendo ficção: *O Nome da Rosa*, de 1984, trata-se de best-seller que até hoje frequenta as listas dos mais vendidos. A história foi adaptada para o cinema, com Sean Connery como protagonista, e cogita-se que vire série televisiva. O interessante é que Eco, como bom estudioso, cuidou de teorizar a respeito do processo de criação no seu *Pós-Escrito a O Nome da Rosa* (Nova

Fronteira, 1985). No livro, que pode ser lido como um estudo sobre a elaboração romanesca, sentencia o autor: “um narrador não deve oferecer interpretações de sua obra, caso contrário não teria escrito um romance, que é uma máquina para gerar interpretações (...) O autor não deve interpretar. Mas pode contar como e por que escreveu.” Vale dizer: Por que você escreve?

Por que Escrevo (Novera, 2007), organizado por José Domingos de Brito, é parte da série “Mistérios da Criação Literária”, publicada sob patrocínio da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Trata-se de compilação de depoimentos de vários escritores consagrados, anteriormente publicados na forma de entrevistas, e que por certo deve ter inspirado a iniciativa de Sérgio Blank. Ao final do volume, ficamos com a impressão registrada pelo prefaciador, o crítico literário Fábio Lucas, que parte da cogitação de que o tal questionamento estaria no rol das perguntas sem resposta.

Particularmente me agrada a análise formulada a respeito por George Orwell no ensaio *Por que Escrevo* (1946), para quem “deixando de lado a necessidade de ganhar a vida, creio que há quatro grandes motivos para escrever, ao menos para escrever prosa”. E lista: o egoísmo, o entusiasmo estético, o impulso histórico e o propósito político, desenvolvendo o assunto com a maestria que lhe era peculiar.

Se consideramos, como Orwell, que “os escritores sérios [...] são ainda mais vaidosos e autocentrados que os jornalistas”, sem dúvida teremos aí uma pista interessante a seguir. Mas ao final, não podemos nos distanciar da impressão deixada no crítico pelo trabalho de José Domingos de Brito: por mais respostas que colecionemos, a questão continuará em aberto, desafiando a busca. De fato, eis aí um dos encantos da Literatura.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.



Por Zé Roberto

arte Desenharte



zrgrauna@hotmail.com

DANI EMILIANO

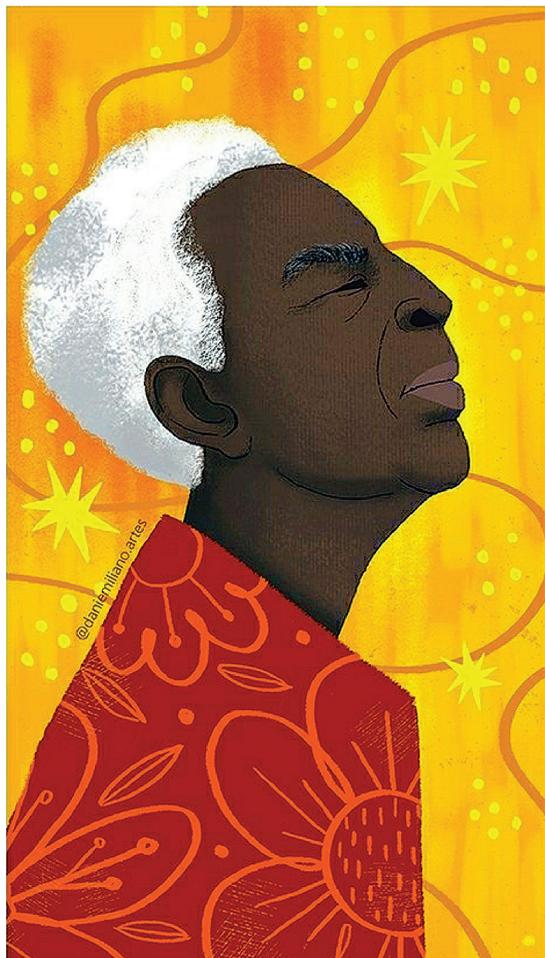
Daniele Ribeiro Emiliano, a Dani Emiliano, é nascida na cidade de Santos, litoral de São Paulo, no dia 15 de fevereiro de 1985. A artista desenha desde criança por incentivo e influência de seu pai, que também desenhava. Na adolescência, fazia retratos e caricaturas por encomenda, e foi professora de desenho.

Aos 18 anos, ingressou no curso de Educação Artística na Universidade Santa Cecília, em Santos, formando-se em 2007, trabalhando depois como professora de artes durante 4 anos. Após esse período, decidiu dedicar-se exclusivamente à carreira de ilustradora e artista gráfica.

Entre os anos 2017 e 2018, atuou no desenvolvimento de concepts de personagens para longa de animação, no Estúdio Anaya. Em 2019, suas ilustrações marcaram o projeto Mulheres Fantásticas, no curta de animação sobre a escritora Carolina de Jesus. No mesmo ano, ilustrou o cartaz do filme Horácio, para o O2 Play.

Trabalha atualmente como designer e ilustradora em uma agência digital cria-

Gilberto Gil.



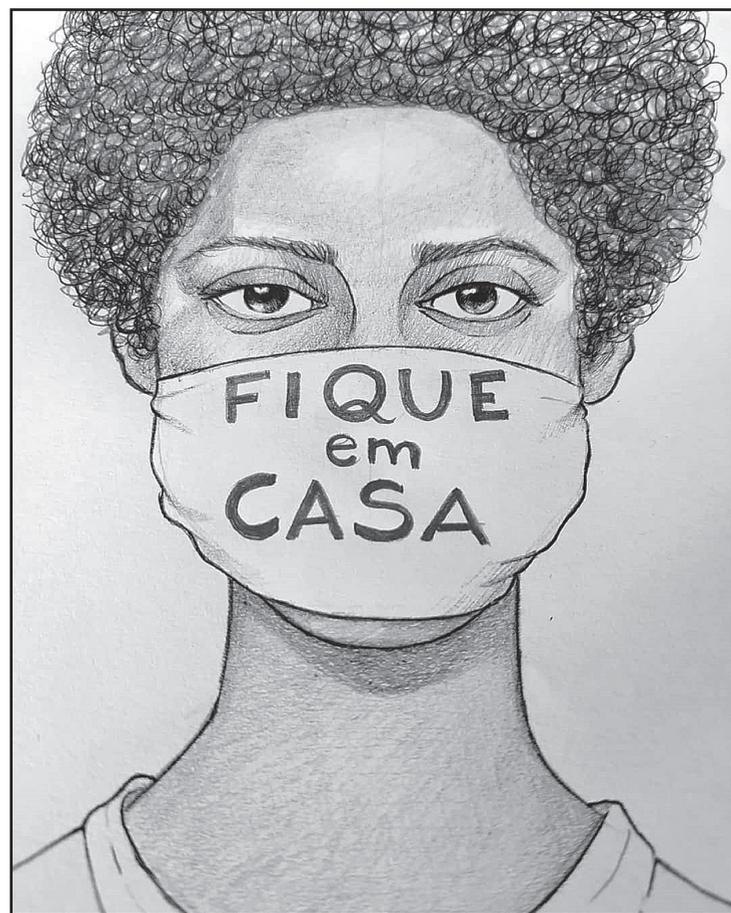
Dani por ela mesmo.

tiva de Santos e, paralelamente, continua atuando como freelancer. Dani Emiliano pode ser encontrada no Instagram, no perfil @daniemiliano. artes, ou no site behance.net/demiliano. O e-mail da desenhista é: dan.emiliano85@gmail.com.

Saúde e Arte!

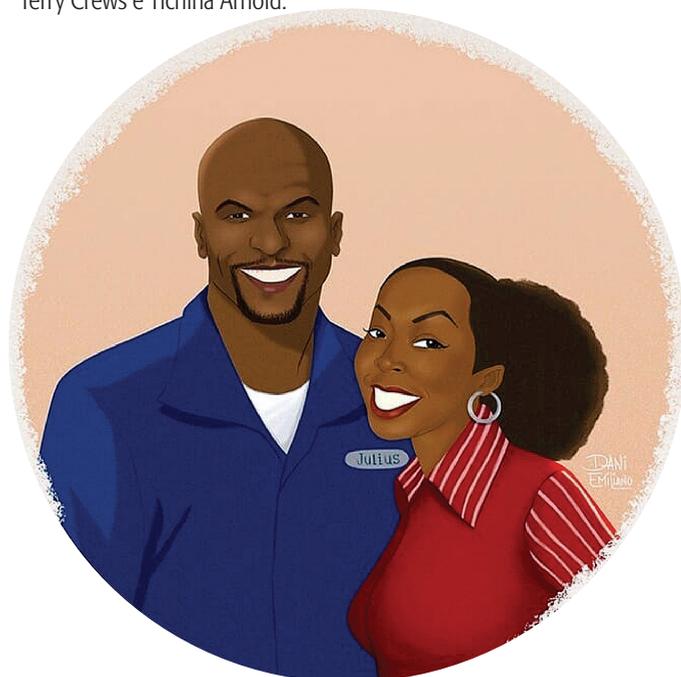
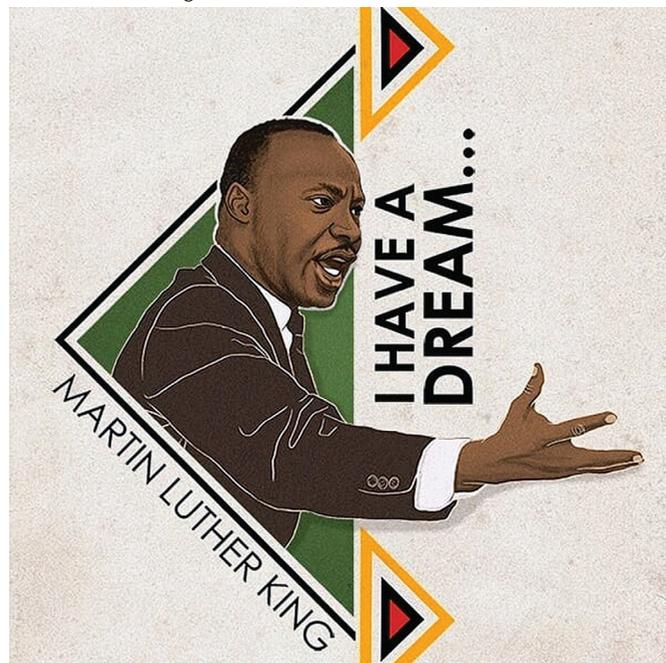


Whoopi Goldber.



Terry Crews e Tichina Arnold.

Martin Luther King.



Encontro Nacional de Escritores

Por Napoleão Valadares*

Havia em Brasília o Encontro Nacional de Escritores. Isso, ali pelas décadas de 1970 e 1980. O encontro se dava de forma tão brilhante que deixava para trás todos os eventos culturais da época. Eram palestras proferidas por especialistas em cada área, concursos literários com prêmios em dinheiro, bate-papos de escritores que não se viam há muito e daqueles que estavam se conhecendo. Coquetéis de primeira linha ao fim de cada encontro. E certificados que se concediam aos participantes. Ainda guardo os certificados do XIV Encontro (1980) e dos seguintes até o XIX (1985).

O primeiro de que me lembro foi o de 1978. Estávamos em casa, à noitinha, e vimos pela televisão a notícia do Encontro Nacional de Escritores, que acontecia nas dependências do Teatro Galpão, na 508 Sul. Corri para lá. Como era noite, nada mais havia. Apenas uns repentistas tocavam violas e cantavam desafios. Gente zanzando, papel picado pelo chão e o falatório dos que tomavam leite-de-onça, bebida preparada com cachaça e leite condensado. Tomei um leite-de-onça, andei perguntando alguma coisa e fiquei sabendo que o encontro era de dia.

Na manhã seguinte, eu estava lá. Aí sim. Palestrantes, debatedores, moderadores. Muito escritor famoso, muita literatura. Nesse tempo, eu tinha uns continhos debaixo do braço. Tinha também vontade de mostrá-los a alguém que entendesse de literatura, mas sem oportunidade para isso.

Certo momento, no auditório, um homem pediu a palavra no meio de um debate e falou com tanta segurança e precisão, que pensei: “Quem será esse? Só pode ser escritor. E é com ele que vou falar.” Findo o debate, abordei-o. Antonio Olinto. Atendeu-me gentilmente e disse que podia dar uma lida em um texto meu, mas depois, porque Mário Quintana já o estava esperando, tinha que ir antes que ele sumisse. Ia lançar um livro à noite no Hotel Nacional e falou para que eu aparecesse por lá, que a gente conversaria. Fiquei animado. Antonio Olinto era um escritor muito conhecido e conceituado. Tanto que eu já havia escrito uma pequena biografia dele para o *Correio do Vale*. Mas não era sobre isso que eu queria falar.

Fui ao lançamento com meus pequenos textos debaixo do braço. Uma fila tão grande e cheia de gente importante, que não tive coragem

de entrar nela. Sabia que Antonio Olinto não teria a mínima condição de ler alguma coisa num momento daqueles. Fiquei por ali tomando vinho, tirando conversa com um e com outro, até que apareceu na roda Domingos Carvalho da Silva, meu conhecido dos tempos da UnB. Conversa vai, ele me disse que havia aqui a Associação Nacional de Escritores, que funcionava na 415 Sul, com reuniões nas noites de terças e sextas-feiras. Para que aparecesse por lá. Apareci e foi lá que conheci a ANE, seus escritores e mais um caminho da literatura.

Mas vamos ao encontro. Promovido pela Fundação Cultural do Distrito Federal, que tinha como diretor-executivo Carlos Fernando Mathias de Souza, o encontro realizava-se anualmente. Mathias, arrojado homem de cultura, convidava os grandes vultos da literatura de todos os cantos do país. Assim, em 1978, estiveram aqui Antonio Olinto, Zora Seljan, Cyro dos Anjos, Alphonsus de Guimaraens Filho, Antônio Carlos Vilaça, Mário Quintana, Oswaldino Marques, Luís Vilela, Henriqueta Lisboa, Carlos Nejar, Vianna Moog.

Em outros anos, o encontro se deu em lugares diversos: Instituto Nacional do Livro, Cine Brasília, Secretaria de Cultura, Centro de Convenções. Num desses, estavam José Cândido de Carvalho, Adonias Filho, Murilo Rubião, Mauro Mota, Fausto Cunha, Bernardo Élis. Noutro, pude ver Orígenes Lessa, Lêdo Ivo, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Aderbal Jurema, Elysio Condé. E presentes os daqui: Almeida Fischer, Herberto Sales, Domingos Carvalho da Silva, Pompeu de Sousa, Anderson Braga Horta, Alan Viggiano, Danilo Gomes, Branca Bakaj, Lina Tâmega, Gaudêncio de Carvalho, Nataniel Dantas e vários outros.

E o Encontro Nacional de Escritores acabou. Como é que pode? E como conseguiram acabar? Ouvi dizer que um dia, já com outra pessoa da direção da Fundação Cultural, resolveu-se entregar o evento a um grupo jovem. Uma turminha modernosa, alguns dos quais editavam suas obras no mimeógrafo e se diziam poetas marginais. E essa turminha – me contaram – fez tanta “porralouquice” que acabou dando fim ao encontro. Até mesmo subir de joelhos uma escada do Centro de Convenções, gritando: “Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus!” vezes e vezes repetidíssimas, quando o público não entendia que amor era esse nem que deus era esse. E muito menos entendia o que significava aquele gesto estranho de subir escada de joelhos... Os da turminha se diziam também promotores culturais e deviam achar que cultura era bagunça. Pois foi. Foi um tempo em que a cultura floresceu e, com as mudanças, começou a murchar, a secar, a acabar.

Depois a Fundação foi extinta. Mas isso não impede que o encontro volte a acontecer. Agora, passado tanto tempo, talvez seja a hora de a Secretaria de Cultura, num dos seus projetos de ativar movimentos culturais, incluir a volta do Encontro Nacional de Escritores.

*Napoleão Valadares é da Academia de Letras do Brasil.

Os eflúvios de Eros

Ester Abreu Vieira*

*Mas vos, godo Quijote, ilustre y claro,
Por Dulcinea sois al mundo eterno,
Y ella, por vos, famosa, honesta y sabia.*

(El Caballero del Febo a Don Quijote de la Mancha – Soneto – Prólogo 1ª parte)

Lança na mão, com decisão, avança o cavaleiro.

– Cavalga, ó gentil cavaleiro,
siga vendo o que os outros
não veem ou não querem ver,
pois com a alma você vê.

fiel e valente o cavaleiro
pelos caminhos vai,
seja em Rocinante levando ilusões,
seja em Clavileno às estrelas che-
gando.

Levando sonhos e amando

– Cavalga, gentil guerreiro,
animando os corações
de sanchos e de taberneiras.

Avança o cavaleiro e uma voz rouca
e ofegante
se ouve pelos campos manchegos
Dulcineia! Dulcineia!

– Cavalga gentil amante,
herói do amor,
cavaleiro de ilusões,
pois vê o que não veem.

O cavaleiro sonha.
Na alma sofrida do valente
se movem dragões e bruxas
e frágeis donzelas.

– Cavalga, cavalga
com hastes, pás, ou asas.
pois sonhar é doce.

Sua frente ferve.
O suor a umedece,
mas na frente do herói
nasce um lírio.

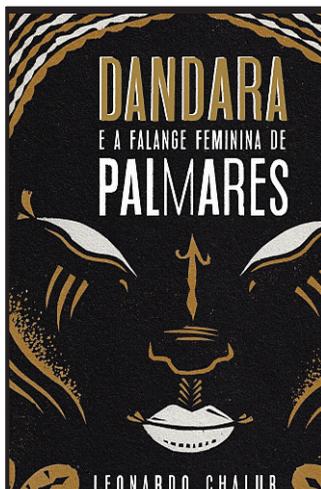
É doce o amor do cavaleiro sofrido.
O mel é doce e mais doce é
Dulcineia,
a flor das donzelas.

Esborrifa na frente a luz do amor.
Chega a paz.

*Ester Abreu Vieira é presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

Novos Lançamentos

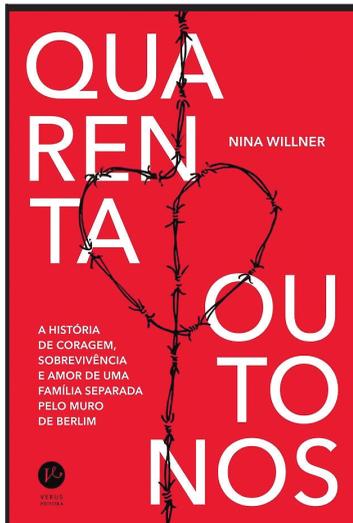
bethalmeida23@gmail.com



GUERREIRA

Dandara e a Falange Feminina de Palmares (Editora Nemo), de Leonardo Chalub com xilogravuras de Luís Matuto, nos trás a luta de Dandara, esposa de Zumbi dos Palmares, uma das lideranças da falange feminina do exército negro do Quilombo dos Palmares. Em 1670, enfrentando o preconceito e a desconfiança dos homens, Dandara luta para se tornar capitã de uma das guarnições de Subupira, o mocambo mais militarizado de Palmares. Em uma disputa mortal, na qual era a única mulher, a jovem arrisca a vida para reivindicar a liderança do primeiro agrupamento de mulheres guerreiras do quilombo. A brava lutadora há muito se destaca nas batalhas travadas contra a Coroa Portuguesa e senhores de engenho da região, valendo-se de suas altas habilidades no combate corporal e com o arco e flecha para libertar pessoas escravizadas em toda a redondeza. Sob ordens do Rei Ganga Zumba – filho da princesa Aqualtune e tio de Zumbi – Dandara parte em uma missão tão honrosa

quanto difícil: recuperar a coroa e o cetro do Rei do Congo (pai de Aqualtune), morto durante uma batalha contra as tropas portuguesas. Os objetos, porém, se encontram a milhares de quilômetros e a um oceano de distância: expostos em uma capela católica adjacente a uma base militar da Coroa Portuguesa em Luanda, Angola. Com a preciosa ajuda de guerreiras indígenas e a companhia de um estranho casal português, a falange feminina de Palmares irá enfrentar ataques de feras selvagens e a ira de um general lusitano; mas os cuidados e a inspiração de uma bruxa misteriosa, bem como a lealdade de suas comandadas, serão trunfos determinantes na missão mais difícil da vida de Dandara.



RECORDAÇÕES

Neste fascinante livro de memórias, *Quarentena Outonos* (Editora Verus), Nina Willner, ex-oficial da inteligência militar norte-americana conta a história real de sua família – cinco mulheres separadas pela Cortina de Ferro por mais de quarenta anos e seu reencontro quase milagroso após a queda do Muro de Berlim. Em 1948, aos 20 anos, Hanna fugiu da Alemanha Oriental para a Alemanha Ocidental. Mas o preço da liberdade – deixar para trás seus pais e os oito irmãos – partiu seu coração. Sem raízes, Hanna acabou se mudando para os Estados Unidos, onde formou uma família. Criada perto de Washington, D.C., Nina Willner, a filha de Hanna, se tornou a primeira mulher oficial de inteligência do exército dos EUA a liderar operações secretas em Berlim Oriental no auge da Guerra Fria. Embora apenas alguns quilômetros separassem Nina de suas parentes alemãs, uma guerra política acirrada as mantinha afastadas. Nina conta a história de sua família – vidas comuns atingidas por circunstâncias fora de seu controle. E também

nos leva ao mundo tumultuoso da Alemanha Oriental sob o domínio comunista, revelando a realidade cruel que seus parentes enfrentavam e suas próprias experiências como oficial de inteligência, executando operações secretas atrás do Muro de Berlim, que punham sua vida em risco. Um olhar pessoal sobre uma era explosiva que dividiu uma cidade e uma nação, *Quarenta outonos* é uma história íntima e belamente escrita de coragem, resiliência e amor – de cinco mulheres que lutaram para preservar o que mais importa: a família.



IDÊNTICOS

O Terceiro Gêmeo (Editora Arqueiro), de Ken Follett, com tradução de Bruno Fiuza e Roberta Clapp, é um suspense sobre a manipulação genética de embriões humanos. Jeannie Ferrami é uma geneticista que pesquisa as semelhanças de comportamento entre gêmeos idênticos criados separadamente. Usando uma base de dados confidencial do FBI, ela faz uma descoberta impensável: dois jovens que parecem ser gêmeos idênticos, mas nasceram em dias diferentes, de mães diferentes, com perfis psicológicos totalmente distintos. Dennis Pinker é um psicopata e assassino condenado. Steve Logan é um estudante de Direito honesto, sensível e sociável. Por isso, quando a assistente de Jeannie sofre uma agressão sexual e a polícia identifica Steve como o culpado, todas as convicções da pesquisadora são abaladas. Ainda que os dois tenham o mesmo DNA, ela não consegue acreditar que o gêmeo bom seja um criminoso e decide provar isso, mesmo que precise questionar suas crenças e pôr em risco sua

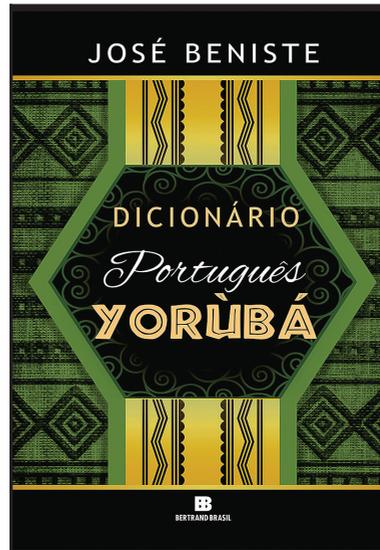
carreira. Conforme sua investigação avança, Jeannie se vê no meio de uma conspiração, envolvendo experiências genéticas perturbadoras e alguns dos homens mais poderosos dos Estados Unidos – pessoas que farão de tudo para proteger seus segredos. Ken Follett despontou como escritor aos 27 anos, com o premiado *O Buraco da Agulha*, publicado pela Editora Arqueiro. Depois, surpreendeu a todos com *Os Pilares da Terra*, um romance que, mais de 30 anos após seu lançamento, continua encantando o público mundo afora.



CORONAVIRUS

No início de 2020, o então ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta enfrentou um dos maiores desafios de sua carreira: conter o avanço da Covid-19 no Brasil. Sua defesa dos protocolos científicos no combate à pandemia e a transparência na comunicação com a sociedade acabaram desencadeando uma crise no governo federal. No mesmo estilo objetivo com que conduzia as coletivas de imprensa do ministério durante sua gestão, Luiz Henrique Mandetta relata, semana a semana, em *Um Paciente Chamado Brasil – os bastidores da luta contra o coronavírus* (Editora Objetiva) os cerca de cem dias em que esteve à frente da pasta, até sua exoneração, em 16 de abril de 2020. Revela bastidores do seu dia a dia – muitos até então desconhecidos do grande público, e que lançam uma nova luz sobre as movimentações políticas no Palácio do Planalto durante esse período. Como ocorreu a formação de sua equipe técnica; a relação do Executivo com os outros poderes; as movimentações e

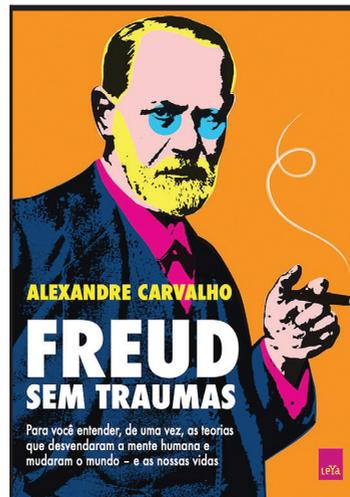
articulações políticas dentro do Planalto; os meandros do funcionamento dos sistemas de saúde de estados e municípios e suas conexões com a esfera federal; o diálogo com entidades e organizações nacionais e estrangeiras; a questão da cloroquina e do isolamento social; o negacionismo do presidente da República; e os caminhos da compra e distribuição de insumos para profissionais da saúde e hospitais são alguns dos temas abordados neste livro. Um testemunho de um dos momentos mais difíceis da história do Brasil atual.



LÍNGUA VIVA

Dez anos após o lançamento do *Dicionário Yorubá-Português*, José Beniste faz o caminho inverso e oferece uma obra complementar e revolucionária. Diferente de línguas mortas como o latim e o grego arcaico, o yorubá é uma língua viva, falada na Nigéria, no Sul da República do Benin, nas repúblicas do Togo e de Gana, por cerca de 30 milhões de pessoas. No Brasil, conseguiu ser mantido de forma expressiva por meio da liturgia dos candomblés procedentes daquelas regiões, tornando-se um dos depositários mais fiéis dessas tradições. Neste *Dicionário Português-Yorubá* (Editora Bertrand Brasil), José Beniste dá sequência a um estudo detalhado do idioma yorubá, iniciado com o *Dicionário Yorubá-Português* (2011), que poderá ser consultado para facilitar a organização de frases e textos. O autor apresenta mais de 18 mil verbetes, mais de 15 mil exemplos de frases traduzidas, explicações das palavras fundamentais, a categoria gramatical das

palavras para orientação na formação de frases e regras gramaticais. Além disso, a obra inclui uma seção com orientações básicas sobre o idioma yorubá, incluindo alfabeto, pronúncia, sistema tonal, vogais alongadas, elisão e assimilação, plural das palavras, gênero gramatical, frases interrogativas, substantivos, adjetivos, verbos, advérbios, preposições, conjunções, numerais e observações gerais. Mais que apenas um dicionário, o *Dicionário Português-Yorubá* funciona também como uma gramática do yorubá.



FREUD REVISITADO

Sigmund Freud é um dos poucos pensadores e cientistas com forte presença nas manifestações culturais, inclusive nas mais populares. Pudera: suas descobertas colocaram o ser humano diante do universo de mistérios do seu inconsciente – a parte da mente sobre a qual não temos nenhum controle, mas que determina os nossos comportamentos, ansiedades, escolhas e os caminhos da nossa sexualidade. Mas a obra de Freud acabou sendo, também, uma das preferidas do papo amador, aquele que acaba frequentando “as mesas dos botequins”, produzindo um verdadeiro “telefone sem fio”, ao misturar, sem muito discernimento, conceitos como: “reprimidos”, “negação”, “inveja do pênis”. Mas, a confusão acaba aqui. O jornalista Alexandre Carvalho mergulhou profundamente na obra de Sigmund Freud, através de *Freud sem Traumas* (Editora Leya Brasil) para descomplicar suas principais teorias, apresentando-as de forma clara. Ao explicar postulados

como a pulsão de morte, nosso mal-estar diante das exigências do convívio social e os conflitos psicológicos que definem quem somos, o autor faz uma jornada sobre autocohecimento – e, de quebra, elucida muitas das questões da sociedade atual. Um conjunto de reflexões urgentes nestes tempos de ataques à autoestima (via redes sociais) e de ódio a opiniões que não sejam idênticas às nossas. Freud ajudou milhões a entenderem a própria personalidade. Este livro vai ajudar você a entender de vez – com um texto tão acessível quanto atraente – por que esse amante de charutos é um dos pais do pensamento moderno.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Em Diamantina

Por Danilo Gomes*

“O passado é um palácio construído dentro de cada um de nós, cheio de gavetas onde guardamos nossas memórias.” (Ana Miranda, na crônica “Quando o passado retorna”.)

E eis que são dez horas da manhã de uma segunda-feira de março do ano 2000. É meu último dia em Diamantina, de uma temporada de cinco na Pousada do Garimpo. Adeus, breves férias!

Conheci a cidade em 1991 e me encantei. Hospedei-me, então, no Grande Hotel, projetado por Oscar Niemeyer, a pedido de Juscelino Kubitschek de Oliveira. Voltei quatro anos depois, para os festejos do centenário dos diários de Helena Morley (pseudônimo de Alice Dayrell Brant), publicados em livro em 1942, sob o título de *Minha Vida de Menina* (que muito tempo depois daria um filme). Foram três ou quatro dias de celebrações, com a presença da filha da autora, Sarita Brant (moradora do Rio), do escritor Eduardo Almeida Reis (filho de Sarita), do bibliófilo e escritor José Mindlin e de outras ilustres pessoas.

Quem vai a Diamantina, vindo do Rio, Brasília ou São Paulo, passa por Curvelo, terra natal do romancista Lúcio Cardoso (*Crônica da Casa Assassinada*). Na outra banda, pode passar pela cidade do Serro. De Curvelo até o antigo Arraial do Tijuco, o viajante, atravessando as chapadas, começa uma incursão ao passado, ingressando lentamente no século XVIII. Quando chega à cidade, sente-se na época dos contratadores de diamantes, dos compradores de ouro, das belas damas debruçadas nas sacadas dos sobrados; quer logo conhecer a casa da célebre mulata Chica da Silva, a Chica-Que-Manda, por quem se apaixonara o todo-poderoso contratador João Fernandes de Oliveira; quer logo entrar numa igreja para rezar e admirar as belezas da talha e da pintura, da nave central e da sacristia. Lá fora, o sol é uma festa de luz sobre o casario colonial de cores vívidas, sobre as igrejas alegres como pequenos templos japoneses.

Das cidades mineiras do ciclo do ouro e dos diamantes, Diamantina é a que conta com o barroco mais festivo, com a arquitetura de cores mais jubilosas, com igrejas e capelas que, pelos sinos, parecem chamar alegremente os penitentes e fiéis em geral, sem aquele sombrio, pesado e solene ar de suas congêneres de outras cidades da mesma época.

Na verdade, Diamantina tem um casario e uma arquitetura sacra servidos por tons vivazes, alegres, joviais. Creio que Mozart amaria essa cidade rica em escala cromática, inspiradora de sonatas, adágios e minuetos. Sim, Diamantina parece-me uma cidade mozartiana, uma luz na manhã, um piano na tarde, uma seresta na noite. Que luz, que cores, que praças para o namoro e a conversa fiada, que ruas e becos cheios de surpresas, como um livro de gravuras antigas!

Cidade da valsa vienense, da vespertina famosa e da serenata ao gosto dos mineiros, não surpreende que Diamantina tenha dado ao Brasil o simpático Presidente pé-de-valsa e seresteiro com alma de poeta, o famoso JK. Dá gosto ver a singela casa em que, menino pobre, ele passou a infância: pequena, branca, com portas e janelas daquele azul colonial.

Andar pela cidade, percorrer ruas, becos, praças, ladeiras, é um prazer inesquecível. As sacadas floridas são do tempo das sinhas em flor. É bom percorrer a Rua da Quitanda, ver o sobrado do Padre Rolim (personagem da Inconfidência Mineira); parar diante do pobre chafariz, de 1787, da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; contemplar o famoso passadiço da antiga Casa da Glória, de azuis janelas sobre o branco da fachada. A torre da Igreja de São Francisco de Assis, branca, vermelha e marrom, parece emergir de um conto de Hans Christian Andersen. O Beco do Mota, reduto da antiga boemia e de mulheres-damas, é hoje apenas uma ladeira de pacatos solares com românticos lampiões.

As igrejas são de um barroco de contos de fadas, singelas, leves, alegres: Carmo, Catedral (antiga Sé), Rosário, São Francisco, Capela Imperial do Amparo (da festa do Divino), Capela do Senhor do Bonfim, Luz, Mercês, Basílica do Sagrado Coração.

Mas o turista, o visitante, tem mais com que se encantar, perambulando de mãos nos bolsos ou fotografando para a posteridade: o Museu do Diamante, o Mercado Municipal onde se toma uma cerveja bem gelada, uma cachaça de primeira e se comem uns tira-gostos que são um pitêu. Até o delicioso chouriço! Por falar em cerveja gelada e bons acepipes, ontem à noite voltei ao Bar do Morfeu (perto da Pousada do Garimpo), na Avenida da Saudade, 265. Morfeu é o apelido de infância de Antônio Dornas Vieira, de quem fiquei amigo desde viagem anterior.

Você tem mais, em Diamantina. Vá andando pelo prazer de perambular: a Casa do Fórum é uma bela e imponente edificação da era colonial, a casa do Intendente Câmara não fica atrás, mais o casarão da Prefeitura e Câmara Municipal e a antiga Intendência dos Diamantes.

Vosmecê, turista acidental, tem ainda a Santa Casa, o Palácio Arquiepiscopal e o Biribiri, que é um bairro retirado, um conjunto colonial com a tradicional Fábrica

de Tecidos Biribiri, inaugurada em 1876 com o intuito de beneficiar moças e meninos carentes de recursos.

A casa com muxarabi, na Rua da Quitanda, é aquela do balcão fechado em uma de suas sacadas, uma rara reminiscência da influência árabe nas construções luso-brasileiras, um dos muitos temas do agrado do grande sociólogo e escritor Gilberto Freyre.

Mas voltemos, no trem de ferro do tempo, ao ano de 2000, quando o mundo não acabou. Como eu ia dizendo, é meu último dia na cidade encantadora.

Um sol bom e manso ilumina todo o centro da cidade e eu sou como um vago-bundo que, de mãos nos bolsos e sem compromisso algum, sem agenda, bate pernas pelas ruas, ladeiras e becos, zanzando e bestando.

Ao redor da cidade – o antigo e histórico Arraial do Tijuco –, o majestoso espetáculo das serranias de pedra, que encantam olhar do viajor. Sem eira nem beira, vejo uma porta aberta e entro, que nem cachorro sem dono. Estou no Café à Baiúca (Rua da Quitanda, esquina com a Rua Campos Carvalho), onde peço um café e um pão de queijo recém-saído do forno.

Aventureiro, pobre turista acidental, volto para a rua “banhada de sol”, como diria Tom Jobim. Pequenos grupos de homens conversam, fazem negócios, olham as mulheres que passam, falam mal do Governo, em frente a esse Café, que é um ponto nevrálgico e político, central, da cidade de Chica da Silva, Joaquim Felício dos Santos, JK, Ayres da Matta Machado Filho, Edgard de Godoy da Matta Machado, Helena Morley, Affonso Heliodoro dos Santos, Vera Brant, Serafim Jardim (proprietário da Pousada da Serra) e tantos outros ilustres mineiros.

Fico em frente ao Café, olhando os velhos sobrados de cores alegres. E eis que sou um homem feliz, louvado seja Deus, debaixo desse sol brando, com o povo passando à minha volta. Tudo é luz, som e movimento. A felicidade é esse momento bom, mágico.

Tenho muitos recursos à mão. Se passar mal, tenho à minha frente a Drogaria Saúde & Vida. Se carecer de uma hospedaria, ali está, acolhedora e florida, a Pousada Beco do Mota. Para dor de cabeça, cólica ou ressaca, ali está, também prestimosa, a tradicional Drogaria Diamantina. Se me

der vontade de alimentar a fome do espírito, ali adiante me aguarda a Diadorim – Livros e CDs. Para *souvenirs*, a tradicional Boutique Cyrillo. Se quiser papel de carta ou envelope para mandar um postal a parentes, amigos e benfeitores, a Papelaria Tejuco oferece bons serviços a preços módicos.

Se eu quiser comprar relógio novo a preço justo, é só entrar na Relojoaria Omega, onde posso fazer um bom negócio e até ficar amigo do proprietário. Minha barba está grande de quatro dias, meu cabelo já está com jeito de juba? Ali está o tradicional Salão do Magno – Barbearia – o cidadão sai de lá bem escanhado, mais novo e ainda por cima perfumado com razoável água-de-cheiro.

Necessito de fogão novo, linha moderna, com até seis bocas? Posso encomendá-lo ali em frente, na bem sortida Loja dos Fogões, em prestações a perder de vista.

Meus sapatos estão gastos, cambaios, com cor de burro fugido? Ora, ali em frente, “pertim” da Catedral, encontra-se estabelecida a renomada Sapataria Jaimis, que oferece preços de ocasião, sim, senhor.

Prossigo na andança de curioso. Alguma necessidade caseira, coisas para o lar? Não preciso ir longe: bem adiante está a Merceria Tem Tudo, com grande sortimento de mantimentos, a preços populares.

Revelar filmes da viagem? A Fujifilm tem tudo o que se refere a esse ramo de comércio.

A fome apertou, caminhante? O Restaurante Grupiara servirá os mais saborosos pratos mineiros (ah, o frango ao molho pardo, com angu!), o mesmo acontecendo com a tradicional Cantina do Marinho, próxima à Catedral e onde se come uma das delícias das Minas Gerais, que é o ora-pro-nóbis com carne moída, arroz, feijão e angu, com um ligeiro toque de pimenta malagueta. O próprio Marinho (que é irmão do mencionado Morfeu) recomenda sua célebre bacalhoda, com ele no comando das panelas e caçarolas. É um *chef-cozinheiro* de mão cheia.

Se me vier – como sempre veio – uma súbita vontade de rezar e pedir perdão a Deus por meus muitos pecados, posso entrar na Catedral, onde meu inquieto espírito e meu desassossegado coração irão encontrar perdão e refrigério. Deus é perdão.

E eis, portanto, que não me falta nada, nesta cidade cuja mística se sente na luz ticianesca que a envolve, sim, nesta bela cidade que é uma relíquia viva do barroco setecentista, alegre como uma sonata de Mozart. Já prestes a partir de volta à Brasília do século XXI, ocorre-me uma cintilação lírico-filosófica do mago Guimarães Rosa em *Tutameia*: “Felicidade se acha é só em horinhas de descuido.” Aplica-se ao meu caso de turista acidental neste antigo, histórico, amado Tijuco que Helena Morley tanto amou. Estou ali descuidado, um estranho, um anônimo – e, por isso, feliz no vaivém da multidão.

Contemplo tudo com um nostálgico olhar de despedida. Chego aos portais da emoção, mas, temeroso de ceder aos primeiros acordes de um indesejado pieguismo, volto a integrar-me ao bulício daquele logradouro da comunidade diamantinense ao sol da manhã. Nada me falta nesta praça do Café à Baiúca, onde sou um caminhante feliz, de mãos nos bolsos e alma encantada de menino descobrindo o mundo.



O belo centro histórico de Diamantina.

A gravata, a liturgia e a pandemia

Por José Carlos Gentili*

A gravata-adereço de vestimenta masculina, tem origens várias, desde priscas eras até a presente data.

A moda e as roupas guardam uma ambivalência, prevalente, a demarcar o universo masculino e feminino, caracterizadoras de poder e beleza, enfeitando castas, realezas, cleros e outros segmentos sociais, através dos tempos.

Isto foi, é, e não sei se será, futuramente. O Tempo dirá!

Qual teria sido a razão do uso da gravata? Ora, simples e cristalino! Senão, vejamos!

Exemplaridade comportamental em função de dois fatores, quais sejam a formalidade e o poder, que regem o *status* societário e a ordem universal, pois manda quem pode e obedece quem tem juízo, conforme o adágio popular.

Quanto ao mais, debitemos à conta do mundo da emulação, a relembrar-se a figura icônica do Rei Sol – Luís XIV –, que adotou o uso da “*cravate*”,



Guerreiros de Xian, do imperador Qin Shi Huang (260-210 a.C.)

lançada por um grupo do exército croata, durante a Guerra dos Trinta Anos, fato disseminador, à época.

A gravata já foi sudário, já foi símbolo militar a feitura das dragonas a ornar os ombros dos militares, a indicar postos e graduações, em todas as principais civilizações.

A liturgia-serviço público ou serviço do povo, em grego, dito também ofício religioso, era a denominação encontrada na Bíblia dos Setenta, anterior à Vulgata, a designar os atos religiosos dos sacerdotes levíticos no Templo de Jerusalém.

Este adereço do vestuário, metamorfoseou-se sob a égide da liturgia, gerando o clérigima, dito colarinho clerical, a diferenciar os clérigos e o povo em geral, ou seja, o mundo secular. Em síntese, a gravata transmutou-se para o colarinho clerical, no princípio uma *whitette* (*faixas de pregação*), ao ser inventado pelo Reverendo Donald Mcleod, em 1827, atualmente usado pelas Igrejas Católica e Ortodoxa e demais vertentes anglicanas.

Vê-se, assim, que a gravata é um mero símbolo de poder!

Encontramo-nos, hoje, frente aos rigores mortais de mais uma pandemia que o mundo está a enfrentar, ciclicamente, como foram outras como a peste bubônica, a peste negra, a varíola, a cólera, a gripe espanhola, a gripe suína, além da invencível Aids, que não subjugaram a gravata e seus nós górdios.

Todavia, a atual Covid-19 tem apresentado variantes sucessivas, obrigando a população ao sistêmico uso de máscaras protetivas, constituindo-se em verdadeira inovação ao mundo ocidental, medida cautelar esta, entretanto, há décadas utilizada por países asiáticos.

Agora, além da gravata, o homem terá alterado o seu visual, passando as máscaras a compor uma nova realidade, sob o condão da sanidade grupal, atingindo a esfera feminina no seu contexto de embelezamento feminino.

Queiramos ou não, este componente está a transformar hábitos e formas de viver, não só sob a égide do poder e formalidade, mas sim ao talante da incolumidade humana.

A verdade é que as pandemias e males terrestres jamais extinguirão a gravata e suas variantes, porquanto este adereço modal está unido ao poder soberano da vaidade humana, inscrita em Eclesiastes, em frase bíblica assim enunciada: Vaidade das vaidades, tudo é vaidade (*vanitasvanitatum et omnia-vanitas*).

O resto são borboletas de todo gênero a borboletar...

*José Carlos Gentili é jornalista.

Toda teoRIA
tem um LADO
PRÁTICO.
ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▶ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▶ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▶ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▶ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

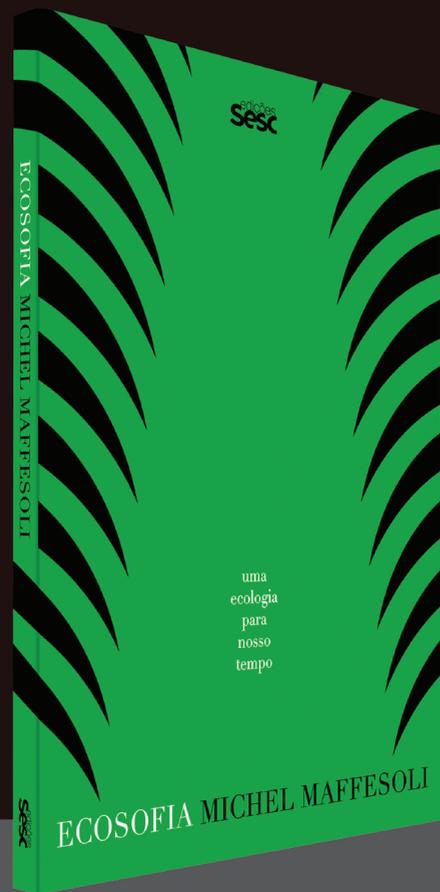
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



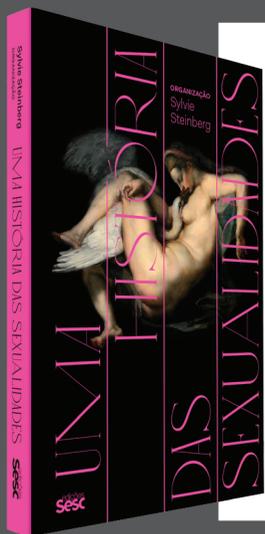
LANÇAMENTOS



ECOSOFIA uma ecologia para nosso tempo

Michel Maffesoli

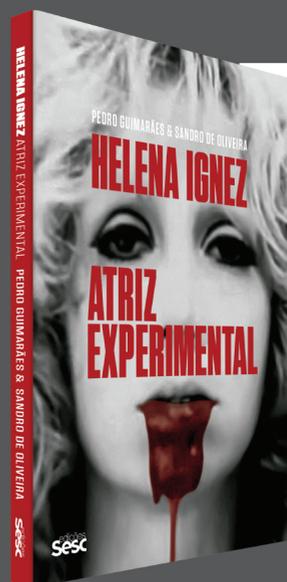
Obra expõe a necessidade da construção de uma nova condição habitativa na terra-mãe. A partir do desenvolvimento e cultivo da sensibilidade ecosófica, é possível restabelecer os vínculos entre o homem e a natureza, o corpo e o meio, ultrapassando o racionalismo e garantindo a sobrevivência humana na Terra.



UMA HISTÓRIA DAS SEXUALIDADES

Sylvie Steinberg (org.)

A sexualidade é plural. Com pesquisa rigorosa e linguagem acessível, o livro entrelaça representações, práticas, fantasias e opressões vinculadas ao corpo e ao desejo, evidenciando o papel da sexualidade como um fato social incontornável para o entendimento das relações com o prazer.



HELENA IGNEZ, ATRIZ EXPERIMENTAL

**Pedro Maciel Guimarães
e Sandro de Oliveira**

Uma ode à trajetória e ao processo criativo experimental da atriz e cineasta brasileira Helena Ignez, que atuou no Cinema Novo, com Glauber Rocha, e se tornou ícone do Cinema Marginal brasileiro, ao lado de diretores como Júlio Bressane e Rogério Sganzerla.